



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE PESSOAS NO BRASIL		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 0071/13	DATA: 21/02/2013
INÍCIO: 17h49min	TÉRMINO: 20h17min	DURAÇÃO: 02h28min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 02h28min	PÁGINAS: 77	QUARTOS: 30

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS – Depoente.
ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Depoente.

SUMÁRIO: Tomada de depoimentos.

OBSERVAÇÕES

Houve intervenções fora do microfone. Ininteligíveis.
Há palavras ou expressões ininteligíveis.
Reunião realizada no Fórum Teixeira de Freitas, na cidade de Salvador, Estado da Bahia.
Há oradores não identificados.
Não foi elaborado roteiro da reunião.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Boa tarde a todos e a todas.
(*Intervenção fora do microfone. Ininteligível.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Hein? Se não estivesse ouvindo, V.Exa. não faria essa observação. Não está ouvindo? (*Pausa.*)

Olha, nós estamos com um problema aqui, um pequeno probleminha no som. Se as pessoas pudessem se aproximar um pouco mais, chegar um pouco mais perto, para nós facilitará. Por enquanto, nós estamos usando isto aqui apenas para efeito de Taquigrafia, de gravação do sistema, mas ainda estão ajustando a situação da sonorização aqui do auditório. (*Pausa.*)

Nós queríamos dar início aos nossos trabalhos e, inicialmente, agradecer a sensibilidade e a colaboração do Juiz das Execuções Penais, o Dr. João Paulo Pirôpo de Abreu, que está nos acolhendo hoje aqui nesta oitava e que foi extremamente solícito a todos os nossos pedidos, inclusive o de retardamento, vamos dizer assim, do horário previsto inicialmente, por conta dos atrasos derivados da extensão das atividades desta CPI antes deste depoimento. Nós estamos desde as 9h30min ouvindo, em audiência pública, as entidades e as instituições. Ouvimos o depoimento da Sra. Carmem Topschall, no caso lá de Monte Santo, das adoções ilegais de crianças; ouvimos já outras pessoas envolvidas em denúncias que temos recebido na CPI, aqui no Estado da Bahia.

A Comissão Parlamentar de Inquérito que eu presido — meu nome é Deputado Arnaldo Jordy, do PPS do Pará. Nós estamos aqui com a presença do nosso Vice-Presidente, o Deputado Luiz Couto, do PT da Paraíba.

Falou no Luiz Couto, o milagre se opera — S.Exa. é Vice-Presidente da nossa Comissão Parlamentar.

Nós estamos aqui também com o Deputado José Augusto Maia, do PTB de Pernambuco, vizinho de vocês. S.Exa. também é membro desta Comissão. Estávamos com a nossa Relatora, a Deputada Flávia Morais, mas S.Exa. teve que se ausentar, por conta de compromissos de última hora, havidos lá no seu Estado. S.Exa. precisou correr para o aeroporto, para pegar um voo.

Esta CPI se iniciou no mês de maio do ano passado. A primeira fase foi para ouvir as instituições, o mundo acadêmico, os pesquisadores, os estudiosos, os institutos que se dedicam a essa área dos direitos humanos e do tráfico de pessoas.



Ouvimos os Estados, os Municípios, a União, os diversos órgãos, a Ordem dos Advogados do Brasil, etc. Tivemos um detalhado estudo sobre as rotas do tráfico humano no Brasil e também fora do Brasil, nacional e internacional. Agora nós estamos na fase das oitivas e das diligências e análises de casos por este Brasil afora. Nós já estivemos em Goiás, já estivemos em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul. Estamos hoje na Bahia. Vamos ao Pará, a Altamira, na segunda-feira; depois, na sexta-feira, ao Acre; depois novamente a São Paulo. E por aí vai o calendário extenso de visitas aos Estados.

A nossa vinda hoje aqui se dá no sentido de ouvir a sociedade civil, as instituições públicas, acerca de denúncias, relatos ou situações que queiram trazer ao conhecimento da CPI, colaborar com essas instituições que já estão investigando situações também relativas ao tráfico de pessoas no Estado da Bahia, acompanhar alguns casos e fazer algumas oitivas. Esse é nosso objetivo neste momento, em relação à Operação Planeta, que foi desencadeada pela Polícia Federal, que fez a prisão de duas pessoas que estão sendo investigadas nessa operação, acompanhadas pelo Ministério Público.

Quero registrar também a presença do Deputado Nelson Pellegrino, que esteve até há pouco conosco. Não está presente neste momento, mas ficou de voltar. S.Exa. é do Estado da Bahia e membro da nossa Comissão Parlamentar de Inquérito, a nossa CPI.

Quero agradecer ao Dr. Rogério Mattos, que é advogado e defensor do Sr. Denílson e da Sra. Elizânia, que serão ouvidos por nós aqui, e vai fazer a defesa dos seus clientes.

Quero, portanto, sem maiores delongas, convidar o Sr. Denílson Pereira dos Reis para comparecer aqui à nossa audiência, junto ao seu defensor, para prestar os esclarecimentos à CPI. *(Pausa.)*

Boa noite, Sr. Denílson.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Boa noite.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Eu sou o Deputado Jordy. Esses são o Deputado Luiz Couto e o Deputado José Augusto Maia. Nós estamos aqui representando a Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados e tivemos conhecimento pela imprensa — como a opinião pública brasileira de



maneira geral, através da Operação Planeta, creio — desse envolvimento, do suposto envolvimento do senhor e da sua companheira, Elizânia Evangelista, nessa denúncia de tráfico humano e exploração para fins sexuais na Espanha, na Boate Vênus. E, por essa razão, o nosso papel na CPI é exatamente ajudar no esclarecimento dos fatos. Nós não estamos aqui para fazer nenhum tipo de julgamento ou de prejulgamento de quem quer que seja. O senhor não é ainda condenado de nada, o senhor está sob suspeita, numa prisão, preso, fruto dessa operação, mas estão em curso as investigações. Portanto, nós, na CPI, não somos autores da denúncia, não somos Polícia, não somos Ministério Público, não somos Poder Judiciário. Portanto, como nós não somos autores da denúncia, não vamos decidir a sua sorte nem a dos envolvidos nesse processo. Nosso objetivo aqui, por uma definição constitucional, que é da CPI... A CPI também não foi criada em função deste caso, ela já existia desde maio do ano passado, mas é do nosso dever ajudar no esclarecimento da situação e lhe dar oportunidade de fazer a sua defesa também no âmbito desta Comissão Parlamentar de Inquérito. Então, esta é a razão da nossa estada aqui e desta reunião, desta oitiva com o senhor.

O senhor está acompanhado do seu defensor, que é um direito constitucional que o senhor tem, e também ao senhor está reservado o direito do silêncio, se não quiser responder algumas das perguntas, das indagações de um dos membros, que é um direito constitucional, se o senhor achar que isso pode lhe trazer algum tipo de prejuízo. Mas o nosso objetivo aqui é permitir que o senhor possa fazer os esclarecimentos devidos em sua defesa, para que a gente possa ter o máximo de esclarecimento acerca desse episódio.

Pelo nosso Regimento, eu vou lhe facultar a palavra por 20 minutos, para o senhor dizer a sua versão sobre o fato, e depois nós faremos os esclarecimentos. O seu defensor pode orientá-lo antes da sua fala e depois, nos intervalos. Ele não pode apenas interrompê-lo nem induzi-lo a fazer qualquer tipo. Eu também gostaria de solicitar à nossa autoridade policial que pudesse dispensar o uso das algemas do Sr. Denílson. Acho que não tem sentido, evidentemente, com o acompanhamento da guarda. Para que não se violem os procedimentos, vamos dizer assim, regulares aqui da... Mas para nós fica mais à vontade, e eu acho que também o senhor fica mais à vontade dessa forma. Então, eu lhe faculto a palavra para que o senhor



possa prestar os esclarecimentos que achar pertinente a esta Comissão. E lhe agradeço a sua atenção.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi em setembro... Acho que foi em outubro, eu estava trabalhando com o candidato...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Eu quero só que o senhor aproxime um pouco o microfone, para que todos possam ouvir. Peço à pessoa que está com o som, se pudesse, que dê mais um pouco de agudo ao microfone, para melhorar a dicção das pessoas. Obrigado.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - No mês de setembro, eu estava trabalhando com a campanha do ACM Neto. Recebi uma ligação da filha de minha prima.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Na campanha do ACM Neto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Do ACM Neto?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Da empresa?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu trabalhava na campanha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Recebi uma ligação da filha da minha prima. Ela estava lá na Espanha. Eu não estava nem em casa. Minha esposa que atendeu e disse que ela queria conversar comigo. Eu cheguei à noite em casa, ela retornou a ligação, falou comigo que o esposo dela vinha para a Bahia passear.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A sua prima?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - A filha da minha prima, a Renata.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A filha da sua prima?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Da prima, a Renata.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A sua prima, quem era?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É Elaine, minha prima é Elaine.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E a filha dela?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É Renata.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Renata. Então, a filha dela, Renata, viria para cá?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, o esposo vinha, depois ela vinha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Que é o Cigano?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É o Cigano.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Pois não.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Que ela precisaria de uma pessoa para encontrar ele aqui na Bahia, no Estado, em Salvador. Eu disse a ela que estava trabalhando na campanha, que não poderia acompanhar ele, que eu tinha muito trabalho para fazer, porque eu estava trabalhando na campanha de ACM Neto, não podia trabalhar. Aí ela ofereceu e disse: *“Quanto é que você ganha?”* Eu disse: *“Não, o meu trabalho na campanha é dois mil reais, pelo carro de som que eu trabalho”*. Aí ela disse: *“Então, ele disse que paga o valor para você acompanhar ele”*. Eu disse a ela: *“Eu não vou poder acompanhar porque estou trabalhando. Eu acertei o contrato com o pessoal de ACM Neto para trabalhar”*. Aí conversei com Odorico. Era a pessoa que era responsável por mim. Conversei com Odorico: *“Ó, Odorico, vem um pessoal meu lá da Espanha. Me pediu para eu acompanhar ele aqui na cidade de Salvador. Não vou poder mais trabalhar na campanha”*. Aí Odorico disse: *“Não tem problema, não. A gente vai dar um jeito aqui para você trabalhar e dar assistência ao seu parente”*. Continuei trabalhando com Odorico lá na campanha de ACM Neto e levando o esposo de minha prima para conhecer Salvador. Aí, no primeiro dia, peguei ele no aeroporto, deixei ele no hotel... Acho que foi Itapuã Hotel, acho. Ali em Itapuã, deixei ele no hotel, ele ficou lá no hotel. Aí, no final, de manhã, eu saí para trabalhar, no outro dia. E ele retornou, ligou para mim. O rapaz do hotel ligou para mim e disse que era para eu comparecer, para pegar ele lá no hotel, que ele tinha que sair para trocar... que ele não tinha dinheiro brasileiro, só tinha euro. Aí eu fui e levei. *“Qual o lugar que você...?”* Eu falei com ele assim: *“Eu não conheço muito aqui negócio de euro, porque não mexo com esse negócio de euro, mas eu acho que deve ser no Pelourinho. Vamos lá no Pelourinho, para ver se a gente consegue trocar o euro para você”*. Fui com ele no Pelourinho. Ele trocou o euro, moeda estrangeira por moeda brasileira. Trocou e a gente saiu. E aí depois



saímos. Ele conversou comigo. Eu levei ele em alguns lugares. A gente foi na churrascaria, foi em restaurante, e aí foi adiante. Aí, já no segundo dia, saindo com ele, ele me pediu que levasse ele a umas casas de boate. Aí eu disse a ele assim: *“Rapaz, tem umas boates aqui que eu não conheço. Não frequento essas boates. Não ando essa área aqui na Pituba, não. Meu negócio é mais trabalhar para a Cidade Baixa, entendeu? E eu faço outro tipo de coisa”*. Aí eu levei ele para essa Boate Vip. Deixei ele na Boate Vip de noite, lá. Retornei. Saí, fui em casa. Eu tinha que pegar ele em tal hora que ele marcou comigo. Peguei ele. Ele estava na Boate Vip. Deixei ele lá, na Boate Vip. No terceiro dia seguinte, Renata me ligou, falando que conseguisse, que arranjasse umas meninas para trabalhar lá na Espanha com contrato. Aí eu disse: *“Renata, mas menina para fazer o quê?”* Ela disse: *“Não, você arranja umas meninas para trabalhar lá na Espanha. A gente faz um contrato, e as meninas vão, viajam para ir para a Espanha”*. Aí eu disse: *“Tá, tudo bem”*. Como eu conhecia um pessoal lá em Paripe, conhecia uma menina lá em Paripe, antes, que eu trabalhava sempre para a Ubla financeira lá em Paripe, conheci essa menina (*ininteligível*) Márcia. Eu falei assim: *“Oi, Márcia. Eu estou querendo...”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Por favor, fale mais pausadamente.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu conheci Márcia lá em Paripe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A Renata pediu que o senhor arranjasse umas moças para trabalhar na Espanha?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Na Espanha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas lhe disse qual era o tipo de trabalho?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não disse qual era o tipo de trabalho, não. Não disse qual era o tipo de trabalho, não

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Disse se seria em boate, se era...?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ela disse... Não, não disse que era boate, não. Ela disse só que tinha que entrar em contato com Mônica. Mônica, mão sei nem quem era Mônica. (*Ininteligível*) chega lá, que acertava com Mônica, que ela pagaria... O esposo dela pagaria o passaporte e a passagem, que lá as



meninas acertavam com Mônica, que Mônica... Quando eu vi na televisão, Mônica é a mesma pessoa, é a Renata. Quando eu vi na reportagem do *Fantástico*. Eu nem sabia que Renata e Mônica eram a mesma pessoa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quer dizer, a Renata pediu para que fosse acertado com Mônica, que era ela mesma.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ela mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Que era a filha da sua prima?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Da minha prima.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E aí o senhor disse que conhecia umas moças aonde?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, essa menina eu conheci ela em Paripe. Aí eu falei: *“Márcia, você está precisando de pessoa para trabalhar lá...”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quem é Márcia?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Márcia foi a menina que eu conheci em Paripe. Conheci ela em Paripe. Foi quando eu estava trabalhando na Ubla. Conheci ela lá no Centro de Abastecimento, através de um colega meu, Fábio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - É “Iparipe”?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Paripe. Aí conheci Márcia através de Fábio. Fábio trabalha com carro de som também, igual a mim. Aí eu falei: *“Fábio, você se lembra daquela menina que você me apresentou, a Márcia?”* Ele disse: *“Sim, o que é que tem?”* Eu disse: *“Eu preciso falar com ela”*. Ele disse: *“Pô, para quê?”* Eu disse: *“Não, é porque tem um parente de minha prima aí que tá querendo menina pra trabalhar. Mas ele disse que paga passaporte, paga passagem e chega lá e faz um contrato, mas não citou no que era pra trabalhar, entendeu?”* Aí ele falou assim: *“Não, eu tenho contato de Márcia. Espera aí que eu te dou”*. Aí ele pegou e me deu o telefone e eu entrei em contato com Márcia: *“Márcia, tem um gringo aí, casado com minha prima. Ele tá querendo umas meninas pra trabalhar lá na Espanha. Só que ele disse que faz contrato. Ele disse que ainda paga passaporte e paga o bilhete da passagem. E você chega lá e você acerta com a tal da Mônica — e essa Mônica é a tal da Renata, que eu nem sabia quem era essa Mônica. Aí eu*



conversei com Márcia, e a Márcia então disse: *“Não, eu tenho umas amigas que estão interessados em ir”*. Aí ela disse que conversou com umas amigas lá e as amigas estavam interessadas em ir. Aí essas amigas de Márcia, a gente marcou. Aí levei o gringo lá em Paripe. Levei o gringo, ele conversou com elas lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Aonde foi que o senhor levou?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Na churrascaria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Como era o nome da churrascaria?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - A churrascaria é em frente ali à estação de trem, ali. Em frente da estação de trem de Paripe. Aí a gente marcou lá e se encontrou com as meninas lá, e conversou com as meninas. Foi uma morena que estava no dia, foi Márcia, foi Lidiane, foi Marcela, foi também no dia. Foram umas quatro ou cinco meninas. Aí nenhuma delas se interessou. Márcia disse que não podia ir. Lidiane disse também que se interessou, que depois ia conversar para querer ir ou não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Márcia, Lidiane... Quem foi a outra?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Márcia, Lidiane e Marcela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mais uma moreninha?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi uma moreninha. Eu não sei o nome dela assim, não. Aí Márcia me perguntou: *“Você não fala outra língua?”* Eu disse não. Aí ele disse: *“Olha, Márcia, ele fala um pouquinho português. Vê se vocês entendem, que eu não entendo muito ele, que ele é muito nervoso, e eu não entendo muito ele; não dá para entender, que ele é muito nervoso”*. E Márcia com o Cigano... Márcia, como tinha viajado já para a Alemanha, já tinha conhecido algumas coisas que ele falava. Aí ela falou a mesma coisa que ele falou: que ele queria umas meninas para levar para lá para trabalhar, que tinha que ser um contrato, que tinha que bater um contrato para essas meninas trabalhar na Espanha, que batesse esse contrato. Aí eu falei: *“Vai, Márcia”*. Aí Márcia disse: *“Eu não vou. Não vou porque eu tenho problema de saúde, eu não vou. Eu estou fazendo tratamento”*. Aí a Lidiane e a Marcela se interessou de ir. Essas duas se



interessaram de ir. As outras não se interessaram de ir. Elas se interessaram de ir e disseram: *“Ah, eu vou!”* Pronto, aí ele combinou com elas no outro dia para tirar o passaporte, entendeu? E comprava a passagem dessas meninas. Aí ele marcou com as meninas lá no Shopping Barra. Aí eu fui, acompanhei ele, que eu era motorista dele, que ele me contratou como motorista. Ele aí me acompanhou. Me dá um pouquinho de água? *(Pausa.)* Aí eu fui com essas meninas, elas tirou passaporte e tudo. E nesse dia ele acertou comigo para eu ficar trabalhando como motorista.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quem que tirou o passaporte? A Márcia?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - A Lidiane e a Marcela. Ele pagou, deu dinheiro a elas para elas tirarem o passaporte e ir...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas quem ajudou para tirar o passaporte?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi ele que mesmo. Ele foi e acompanhou tudo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ele, o Cigano?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - O Cigano. Ele perguntou onde é que ficava o setor da Polícia Federal. Eu disse a ele: *“Tem no Shopping Barra, tem no comércio...”* Ele perguntou: *“Você pode me levar lá?”* Eu disse: *“Posso levar”*. Aí ele marcou com as meninas. No dia seguinte, foi com as meninas no passaporte. Aí pronto, naquele dia, eu levei minha esposa também. Eu falei assim: *“Neguinha, vamos comigo, porque lá você com as meninas se entendem melhor, mulher com mulher. Você me acompanha para tirar o passaporte dessas meninas lá”*. Aí o gringo, ele perguntou quanto era o passaporte. Aí tinha o extra e tinha o outro, que você pagava... Um que você pagava para tirar cinco dias era trezentos e poucos reais; e outro, para tirar de 10 a 15 dias. Ele disse: *“Não, tira o mais rápido”*. Aí deu dinheiro às meninas. As meninas foram lá e pagou o passaporte, tirou o passaporte. E aí, nesse serviço, ele ficou e disse: *“Olhe, você vai ficar trabalhando comigo como motorista”*. Aí ele falou: *“Olhe, você vai ficar trabalhando comigo como motorista”*. Aí eu disse a ele que eu estava trabalhando com o ACM, que não estava dando certo pra mim, porque não estava coincidindo o horário, que ele queria sair de manhã também. Eu disse que de manhã eu não podia, que eu estava na campanha. Aí ele



disse: *“Não? Quanto é que você vai ganhar?”* Eu disse a ele: *“Eu estou ganhando 2 mil.”* Aí Renata ligou e disse: *“Olha, meu marido disse que vai pagar os 2 mil reais a você, para você ser motorista dele. Ele vai te dar mil reais, no ato, e 2 mil para você quando terminar o serviço”.* Tanto que ele foi embora e nem pagou meus mil reais. Fiquei sem receber meus mil reais. Nem o dia em que ele foi embora, ele me avisou que foi embora. Se mandou e nem me disse nada. E aí foi quando eu falei com a Renata. Eu disse: *“Renata, o Ândri só me deu mil reais. Está perto de vencer já, um dia de ir embora”.* Ela disse: *“Não, eu estou indo para a Bahia, eu já resolvi um problema do meu passaporte. Eu estou indo pra Bahia passear. Quando chegar aí, eu resolvo com você”.*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Como é o nome dele, de que você falou? O Ândri?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ange, Ângel...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - É o nome do Cigano?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É, Ângel.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REAIS - Aí eu falei com... Aí a Renata disse: *“Não, quando eu chegar em Salvador, eu resolvo isso”.* Aí a Renata veio. Ela veio para passear. Ele mesmo foi pegar a Renata no aeroporto, quando ligou para mim. Aí a Renata ligou e disse: *“China, vem aqui no hotel”.* Aí eu fui lá, falei com a Renata. Disse: *“Ó, Renata, está tudo o.k. aí?”* Ela disse: *“Olhe, China, amanhã de manhã você vem aqui pra... Aí você... A gente conversa tudo para acertar tudo com o Angel, o valor do seu dinheiro, para você receber o seu dinheiro, a outra parte, que já está perto de vencer já”.* Eu disse: *“É porque, Renata, senão ele vai embora e não vai pagar meu dinheiro.”* Aí Renata veio. No mesmo dia que a Renata chegou, ele pegou, largou ela lá no hotel, brigou com ela. Aí a Renata ligou para minha casa, era de madrugada. Aí a Renata disse: *“Olha, China, venha me pegar aqui, que Ângel está querendo me matar”.* Eu disse: *“Por quê, Renata?”* *“Não sei o quê. Ele está querendo me matar aqui.”* Aí o rapaz do hotel me ligou, fui pegá-la. Peguei a Renata e disse: *“Ó, Renata, você fique aí, porque lá em casa eu moro com a minha mãe, não tem espaço. Lá em casa é pequeno. Eu moro um quarto em frente a minha mãe, é pequenininho. Não dá para você ficar lá. Você tem que ficar de um jeito... Ou*



então você fica em outro quarto". Aí retornou, ficou na boa. Fui lá, conversei com ele e disse: *"Olha, aqui você não se pode bater em mulher, não, senão você vai preso, senão eu vou denunciar você".* Fui no outro dia, falei com Renata. Aí ele, no outro dia, pegou uma faca, botou no pescoço de Renata. O rapaz do hotel ligou para mim e disse: *"Olha, pelo amor de Deus, venha aqui urgente, que o gringo quer matar Renata".* E eu não sabia. Renata nunca me falou nada desse assunto. Tanto que eu falei assim: *"Ó, Renata, vamos dar uma queixa dele na Polícia".* Aí Renata disse: *"Não, não".* Eu disse: *"Vamos dar queixa dele na Polícia, porque ele tá querendo te matar".* Aí Renata disse: *"Não, não vou dar queixa, não".* Aí eu fui lá conversar com o rapaz do hotel sobre... procurar ele. Ele já tinha ido embora, o Ángel.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Esse episódio que o senhor está dizendo que a Renata falou que estava sendo ameaçada, que ele botou a faca, o senhor sabe em que época foi isso, em que data?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi no final da campanha? Deixa eu ver... Foi no segundo turno. Foi no dia vinte... A Renata chegou aqui acho que foi no dia 17. Só sei que ela viajou no dia 26 de outubro, que ela viajou. Foi antes de 27. Foi 16 ou 17 que a Renata chegou aqui. Logo quando ela chegou, ele fez esse episódio. Eu mesmo estou... Graças a Deus, sou uma pessoa trabalhadora, sou uma pessoa honesta, entendeu? Eu não sabia que estava me envolvendo nisso, tanto que eu fui na casa da menina, conversei com a mãe dela, dei meu endereço, dei meu telefone. A mãe da menina, se ela estiver mentindo, eu deixei meus telefones com a mãe da menina. Conversei com ela que eu não sabia a situação lá da Espanha, o que acontecia lá. Eu só sabia de Renata, que era minha prima. Eu não tinha envolvimento. Eu nem sabia que eu estava me envolvendo nesse caso aí. Eu não tenho envolvimento em nada. Eu sou uma pessoa honesta. Graças a Deus, eu sempre trabalhei. Trabalho com esse Deputado aqui também da Casa. Eu trabalho com os Srs. Deputados. Trabalhei com o Dr. Rosemberg, trabalhei com o ACM Neto; trabalho com vários Deputados. Sou uma pessoa honesta. Graças a Deus, sempre andei honesto na minha vida, nunca andei errado. Mas, infelizmente, essa prima minha fez isso aí comigo aí. Eu estou sendo acusado, mas graças a Deus eu vou sair de tudo isso daí.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O.k., Sr. DENÍLSON. Muito obrigado pelos seus esclarecimentos.

Eu vou passar à palavra ao Deputado Luiz Couto, para fazer as suas considerações; depois, ao Deputado Maia também.

Sr. DENÍLSON, o senhor gostaria de papel e caneta para anotar alguma observação, alguma coisa? (*Pausa.*)

Dr. Marcos, veja aqui um pedaço de papel e uma caneta, para facilitar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. DENÍLSON, antes de trabalhar no carro de som, o senhor trabalhava em quê?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu trabalhei em supermercado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Em supermercado?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Em supermercado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí o senhor... Foi um contrato que fez para trabalhar na campanha ou ...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REAIS - É, eu fui contratado por Odorico Alves.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Odorico Alves?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Odorico Alves. Ele trabalha até na Prefeitura de Salvador.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Aí a sua prima — Mônica, lá, Renata aqui — pediu para o senhor trabalhar para o Cigano.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - De motorista.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - De motorista. Há uma acusação de que o senhor, juntamente com a sua esposa, Elizânia, vocês, além de levar o Cigano, conseguiam meninas para esse Cigano e também para irem lá para uma boate. Que elas eram preparadas, para depois ir para a Espanha, lá em Paripe. O que é que o senhor diz disso aí?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Essa, essa, em Paripe... Quando em conheci Márcia, essa Márcia não tenho conhecimento com ela. Eu conheci ela foi lá em Paripe mesmo. Não tenho esse...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor levou alguma vez essas meninas para Paripe?



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nunca levei essas meninas. Só levei as meninas quando foi... quando ele mandou levar, quando eu era motorista. Ele pediu: "*Não, leva as meninas no aeroporto*". Eu Levei as meninas no aeroporto. Quando ele me pediu, que eu era motorista deles. Acompanhava. Tudo que ele mandava eu fazer, eu fazia. Como motorista, eu sempre fazia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. O senhor também ia para resolver a questão da documentação ou também...?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, não ia resolver nada de documentação.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele entregava dinheiro para o senhor entregar para...?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, ele entregava diretamente às meninas. Ele é muito desconfiado. Ele entregava diretamente às meninas. Dava a elas. Ele ficava perto, mandava as meninas pagar o passaporte.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas o senhor sabia que essas meninas iam para a Espanha, ou que iam para a Europa, ou como é que era? O senhor...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu sabia que elas iam para a Espanha. Eu não sabia o que elas iam trabalhar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Que era para Salamanca ou...?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, não sabia que era para Salamanca, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não sabia, não. O senhor diz que... Ou seja, a relação e... Toda vez que o Cigano vinha, depois que o senhor fez o contrato para trabalhar para ele como motorista, não era isso...?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Era.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E a sua esposa? Por que é que ela aparece nesse também...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ela me acompanhava. Como eu trabalho também nas campanhas, ela me acompanha no trabalho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, ela também acompanhava o senhor também nessas idas com o Cigano?



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ela acompanhou no dia que foi tirar os passaportes. Ela acompanhou com as meninas. Ficou todo mundo junto: eu, Cigano, a minha esposa e as meninas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ficou todo mundo junto. A gente acompanhou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, vocês também iam para tirar o passaporte, etc., para ir tirar dinheiro no banco, para trocar...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, não tinha acesso a dinheiro no banco, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No, mas o senhor disse que, por exemplo, foi com ele para trocar moeda estrangeira por moeda brasileira.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ele trocava moeda brasileira.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ele mesmo ia lá e trocava.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas a primeira vez foi... Ele perguntou para o senhor onde é que fazia isso, ou não?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi no Pelourinho. Ele falou...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí o senhor falou com ele...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Aí eu falei a ele assim: *"Vamos lá no Pelourinho, que lá no Pelourinho deve trocar moeda"*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí o senhor foi com ele nessa vez?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi. Fui com ele, ele entrou lá na sala e eu fiquei aguardando embaixo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas outras vezes também o senhor fez isso?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só foi uma vez só?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Só foi uma vez só. Ele já estava desenvolvendo sozinho aqui em Salvador.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conhece Sueli dos Santos Estrela?



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca ouviu falar num prostíbulo que funciona lá em Paripe?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nunca ouvi falar, nunca ouvi falar dessa pessoa. Nunca, nunca.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É? Onde mulheres recebiam uma preparação?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Nunca, nunca, nunca. Nem sei quem é essa pessoa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Para irem para a Espanha?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nem sei, nem conheço essa pessoa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não conhece?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E a Márcia? Como é que o senhor conheceu a Márcia?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Essa Márcia eu conheci no centro de abastecimento. Eu trabalhava na Ubla Financeira. Um colega meu, Fábio...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ela também mora em Paripe?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Mora em Paripe.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Paripe. E das meninas que também foram lá, tinham mais outras de Paripe também?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - No dia que foi, só foram quatro que estavam lá, no dia que foi com Márcia. Só foram essas quatro, amigas de Márcia, que era...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas eram também todas de Paripe?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - De Paripe.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Todas elas?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eram de Paripe, que Márcia, ela fazia ginástica na academia. Ela conhecia as meninas na academia.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. Quer dizer que a Márcia é que levava as meninas?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Márcia ia lá e apresentava as meninas, a Márcia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor não, nunca... No dia que elas foram para essa churrascaria, elas foram livremente, ou o senhor foi buscá-las para levá-las?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, elas já... Quando elas ligaram... Ligou para mim e perguntou: "*Cadê o gringo?*" Aí eu disse: "Está lá na churrascaria, esperando a gente".

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Estava na churrascaria.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Esperando a gente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas como é que o senhor soube que algumas delas desistiram de ir e outras aceitaram de ir? O senhor falou aí na sua...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Elas aceitaram de ir lá mesmo, lá no dia que a gente conversou. No dia da churrascaria, elas mesmas decidiram.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor estava também no momento da churrascaria?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Estava eu e o gringo. A gente estava almoçando, e elas almoçando com a gente no mesmo dia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Aí o senhor disse que a Liliana e a Marcela aceitaram de ir.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi. Depois a Lidiane desistiu de ir, que eu disse à Lidiane: "*Se você está em dúvida, não viaje. Se você está em dúvida, não viaje.*" Eu disse a ela: "*A única pessoa que eu conheço lá é só a Renata, eu não conheço mais nada. Eu não sei como é lá.*"

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas ela terminou, depois que o senhor conversou, terminou indo.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Ela não foi. Lidiane não foi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E quem foi?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Só foi a Marcela.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só a Marcela.



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - E a mesma coisa: eu aconselhei a Marcela, eu falei: *“Marcela, não vá; se você tem dúvida, não vá.”* Mas, como ela conheceu a Adriana, que esse gringo tinha conhecido essa Adriana lá em Itapuã, ela era garota de programa, essa Adriana que ele conheceu, ele que arranhou essa Adriana lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Quantas vezes o senhor esteve nesse período? Foi de outubro, mais ou menos, estava na campanha ainda, não é?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Estava na campanha ainda.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí, o senhor deixou, e alguém tomou conta do carro de som? Como é que foi?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, eu continuei trabalhando no carro de som, até o final.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E usava um outro carro para levá-lo?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, no meu carro de som mesmo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Carro de som. E o seguinte: quantas vezes o senhor teve que pegar o seu carro para levar o seu Angel, o Cigano, o Gitano, para alguma atividade?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Para atividade, eu saía muito com ele, ele gostava muito de andar em churrascaria, mas em atividade assim, não. Nunca levei ele para atividade, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E também para boate, também?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Só levei, deixei ele um dia na Boate VIP. Foi no segundo dia que eu deixei ele na boate, deixei ele lá e vim embora para casa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Qual boate?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - VIP.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Fica onde isso aí?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Fica em Patamares.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Patamares.

O seu Gitano, além da churrascaria, gostava de... Bebia muito?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, eu não bebo, não.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, ele.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ele bebia, ele tomava muito uma cerveja meio amarelada — eu esqueci o nome, meu Deus! Tem uma *long neck*. Ele bebia muito.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor, alguma vez... Ele bebia demais? Ficava embriagado ou não?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Ele só tomava uma só. Ele era diabético. Ele tomava muito remédio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. O senhor fala de uma briga que teria acontecido lá, em que ele tentou matar a Renata, ou a Mônica.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi uma briga que teve quando a Renata chegou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor ouviu isso aí?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, eu não ouvi, não. Foi isso que o rapaz da recepção passou para mim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E o motivo qual seria dessa...?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não sei o motivo. Não tive acesso a esse motivo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E Renata falou para você alguma coisa?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, porque Renata era o tipo de parente que era muito distante da gente. A gente nunca se comunicou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o senhor diz o seguinte, disse para a Renata: *“Renata, vamos prestar queixa disso aqui.”*

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi no segundo dia que eu falei a ela.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas o senhor soube do acontecido.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi que ela me falou que ele botou uma faca...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ela falou. E ela não falou por que o Gitano...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não citou, não. Não falou, não.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não? Não falou, não. Mas disse que ele tinha feito.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi feito.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor propôs que ela fosse prestar queixa. Quando falou de polícia, ela disse: "*Não, não vou, não.*" Foi assim?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi assim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor sempre morou aqui em Salvador?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Morei em Salvador.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca saiu daqui para outro lugar? O senhor esteve em algum outro lugar aqui no Brasil, trabalhou em outro lugar, passeou em outro lugar?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só na Bahia?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Só a Bahia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aqui na Bahia, só Salvador?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Só Salvador.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não teve mais nenhuma outra cidade aqui da Bahia?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Tem a cidade onde a minha esposa nasceu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - De onde?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - A cidade onde minha esposa nasceu, que eu sempre...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Qual é essa cidade?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Itiúba.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Itiúba, muito bem.

Outra coisa que eu queria saber do senhor, como o senhor nunca saiu do Brasil, nunca foi a Salamanca, não é, então, a Renata você já conhecia antes de ela se casar ou de ficar?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, eu não conhecia a Renata antes de casar. Nem sabia que era casada com...



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor disse que tinha uma que era prima sua que...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - A filha de minha..., ela é filha de minha prima. Ela não tinha contato com a Renata, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas você nunca teve contato com a Renata antes de ela ir para isso, não?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nunca, nunca tive contato com a Renata.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nem com a sua prima também?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Minha prima, ela me deu contato. Mas com Renata eu nunca tive contato com ela assim, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca teve? E nunca viu a Renata antes?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Vi a Renata quando era pequenininha, mas grande...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pequeninha? E não teve conhecimento quando ela viajou para a Espanha?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tá bom. Então, além dessa vinda da Renata, que o senhor disse que Renata esteve algumas vezes com o Cigano, mas ela veio uma vez sozinha, não foi?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Se veio uma vez sozinha?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, para cá; que ela veio da Europa para cá, sem o Cigano.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi. E ela veio fazer o quê? Ela veio buscar mais menina?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ela só veio uma vez só, aqui.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só veio uma vez, só?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi uma vez só.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Com ele ou sozinha?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Ele veio; depois ela veio.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E além dessa vez que essa Marcela foi, eles voltaram para buscar outras mulheres para irem à Espanha?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não; não. Não, que eu não tinha contato com ele e, desse dia em diante, eu desliguei dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor recebia esses... Recebia o contrato... Fez um contrato com ele ou foi uma coisa, um contrato de boca?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi um contrato de boca, tanto que nem recebi nem...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E ele pagava o senhor por semana?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Ele me deu uma entrada de mil reais e ficou de me dar, no final, mais outros mil reais.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E pagava em moeda brasileira ou moeda estrangeira?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Moeda brasileira.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nenhuma vez pagou o senhor em euro, não?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, nunca pagou em euro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. A fonte de renda do senhor é ainda trabalhar como carro de som?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Até hoje a minha renda é como carro de som.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o carro de som funciona muito durante o tempo de campanha, mas depois de campanha é problema. Como é que o senhor vive?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu trabalho, eu trabalho com a Carlos Borges Calçados, trabalho com a Motopema, que eu estava trabalhando com a Motopema. Eu trabalhei com a Insinuante. Já trabalhei com a Ubla Financeira.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E, aí, o senhor consegue ter... Mais ou menos, por mês, qual a sua renda mensal?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Assim, depende, porque depende de serviço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na campanha é mais...



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É. Na campanha é mais...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mais dias.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Mais dias, porque na campanha a gente fecha um período de 30 dias.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É um contrato, não é?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É um contrato.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É um contrato. Mas, assim, em média, mais ou menos em média, o tempo pior, quanto é que fica?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Tem vez que eu tiro, assim, 300; tem mês que eu tiro 400; tem mês que eu tiro 500. Varia do movimento, não é? Da época também, porque às vezes o carro de som é... Muitas vezes está bom; às vezes não está bom, não é?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor conheceu essa Marcela antes de ela ir para essa churrascaria?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Não conhecia antes. Não tinha contato nenhum nem com Marcela, nenhum contato com ela, nem conhecia ela nem sabia onde ela morava; não tinha contato nenhum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, depois, soube onde ela morava?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não soube onde ela morava, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas a informação de que...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Só soube como ela morava depois que Marcela foi... Foi no dia de que ele pegou, mandou pegar Marcela para viajar. Foi assim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o senhor esteve na casa dela.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pronto. Então, o senhor conheceu a casa onde ela...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Marcela mora.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mora.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É, não cheguei a entrar. Eu fiquei, assim, esperando ela.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi o senhor e a sua esposa buscá-la.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu, minha esposa e ele, que também estava.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele também estava?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Estava. Estava também. Ele estava também. Estávamos nós três no dia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Há uma denúncia de que você, Sr. DENÍLSON, e também a sua esposa, que vocês eram responsáveis pela transmissão daqui, do Brasil, de informações às moças, de que elas teriam uma dívida, e essa dívida deveriam cada vez mais aumentar a dificuldade para que elas não retornassem ao País, porque, enquanto elas estavam com dívida... O senhor, alguma vez...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu vou passar essa palavra para o meu advogado, aqui.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, não. Ele não pode, não. O senhor é quem vai dizer se o senhor alguma vez telefonou para lá, para essa boate onde ela estava.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ah, sim. Entendi a pergunta, agora.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Entendi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Passando informação para lá.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Não tinha informação nenhuma.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nem a sua esposa?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Também não. A gente não tinha informação nenhuma sobre, dessa boate, lá, a gente não tinha informação nenhuma.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ou seja, o senhor nunca fez propaganda dizendo para ela: *“Olha, vai para lá, porque você vai ganhar mil euros, vai ganhar 100 euros por dia; vai ganhar 100 euros para dançar, outros euros por programa.”* Ou seja, o senhor nunca disse isso para nenhuma delas?



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Nunca disse a nenhuma delas. Falei a verdade para ela. Eu falei aquilo que eu dizia ao senhor, foi aquela verdade que eu falei para ela.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Depois que o senhor pegou a pessoa lá em Paripe, na casa em que o senhor estava, a sua esposa e também o Cigano.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Hum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Depois disso, não teve mais nenhum contato com o Cigano?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. A última foi... Peguei depois do contato, botei eles...levei ao aeroporto e não tive mais contato com Cigano, de jeito nenhum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nem por telefone?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nem por telefone.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nem com a Mônica, sua prima?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nem a Mônica.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nem com a Renata?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Com a Renata, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não teve. Olha, é importante que o senhor, no caso daquilo que souber, diga, para que, de fato, seja...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Estou falando o que eu...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque pode ter a quebra do sigilo telefônico e, se tiver, o senhor vai se prejudicar mais.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É, com certeza.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo? O senhor não sabe quantas mulheres foram enviadas para o Cigano?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - As mulheres que eu levei para o aeroporto, que ele me pediu para levar ao aeroporto, só foram essas duas. As outras que ele mandou, eu não sei, eu não tive acesso. Ele pagou um dia um táxi para levar as outras meninas. Não sei quando é que ele mandou. Quando ele teve a experiência, passou a primeira vez, ele já começou a resolver as coisas dele sozinho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas é o seguinte: como é que Cigano...



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ele fala um pouquinho português.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Como é que Cigano, que nunca tinha visto o senhor trabalhando numa campanha eleitoral, como é que ele chega e diz: *Eu quero que aquele rapaz, Sr. DENÍLSON, venha trabalhar para mim.* Como é que foi isso?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi através do contato que Renata ligou para mim. Não foi ele que fez o contato e disse: *Eu quero trabalhar com aquele rapaz.*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi Renata que fez o contato?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi Renata que fez o contato comigo, não foi o Cigano. Foi Renata que fez o contato comigo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o senhor disse que não conhecia Renata, só quando pequena. Como é que é agora?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Renata. Eu conheço a Renata, quando ela ligou para mim, falou comigo ao telefone, explicou tudo. *(Inaudível.)*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. Diga.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Quando a Renata ligou para mim, foi no dia em que tive esse contato com ela, só foi esse contato que eu tive com ela, com a Renata. E, quando ela chegou aqui em Salvador, foi esse contato que eu tive com ela só. Tanto que depois me desliguei tudo e dei continuidade à minha campanha, trabalhando na minha campanha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor tinha consciência de que aquilo que o senhor estava fazendo de pegar a menina, levar para lá, levar para o aeroporto, de ir lá para pegar documento, passaporte, que essas pessoas estariam indo para a Espanha, para uma atividade que lá não é crime, mas que aqui no Brasil é crime, que ela estariam indo lá para se prostituírem?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, não tinha conhecimento nenhum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não tinha nenhum conhecimento?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não tinha conhecimento nenhum, tanto que não tinha conhecimento que eu... Tanto que num dia eu falei



com... quando ele levou essas meninas para o aeroporto, tanto que eu totalmente me desliguei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Agora, o senhor falou um negócio que eu queria explicação. O senhor disse: se o passaporte for com 15 dias, tem um preço, e se for com menos, tem outro preço? Foi isso aqui que o senhor falou?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não sei dizer isso aí, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, o senhor falou aí na sua... que pagou tanto para ser mais rápido.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ah! Foi o passaporte de emergência e o passaporte normal. Elas mesmas que se informaram lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tem esse passaporte de emergência, é?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Tem, as meninas mesmo se informaram e passaram isso para ele, que tinha um de emergência e tinha um passaporte normal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse passaporte de emergência, aquele passaporte...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É, tiram rapidinho e...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, eu não sabia que tinha esse negócio. E, para terminar, para depois os outros perguntarem: alguma vez o senhor, que trabalha muito na rua, tomou conhecimento de que outras mulheres e também travestis eram levadas do Brasil para outros países para lá serem exploradas sexualmente?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, não tinha conhecimento.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca, nunca?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nunca, nunca tive conhecimento nenhum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca ouviu falar?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Tanto que eu fiquei abismado com o que passou no *Fantástico* sobre aquele caso de Salamanca. Eu nem sabia que existia aquele negócio em Salamanca lá. Que a reportagem dizia que eu estava sendo acusado, que eu tinha ido em Salamanca. Eu nem fui à Salamanca, eu nem sei onde fica Salamanca.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, então, o senhor diz que não conhece a Sra. Sueli dos Santos Estrela?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não conheço de jeito nenhum. Não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E que não sabe qual é a atividade que ela tem para conseguir dinheiro. O senhor não sabe?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não sei, nem conheço essa pessoa, nem conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas, pelas informações que nós temos, a Dona Sueli é uma pessoa que servia a um prostíbulo baiano, onde foram encontrados chapéus e boias, inclusive, da Marinha brasileira. E a Polícia investiga a origem desse material. E que era o lugar onde a Dona Sueli preparava as meninas para que pudessem exercer as funções lá na Boate Vênus em Salamanca: dançarina e outras coisas, e atividades de como é que elas deveriam se portar lá. O senhor nunca ouviu falar nessa senhora?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nunca ouvi falar nessa senhora. Nunca na minha vida. Nunca.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, o.k. Muito obrigado.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - De nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Muito obrigado, Deputado Luiz Couto e Sr. Denílson. Eu vou passar a palavra aqui ao nosso companheiro, Deputado José Augusto Maia.

Queria só considerar ao Dr. Rogério que, durante o depoimento com o seu cliente, ele não pode ser interrompido. Eu sei que o senhor está aí para ajudar, para colaborar, mas nós estamos aqui seguindo uma regra processual da CPI, que está prevista no nosso Regimento.

O SR. ROGÉRIO MATTOS - Eu entendo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor tem todo direito e teve todo direito de orientar, de encaminhar. Eu reiterarei algumas coisas que acho que é do meu dever dizer do direito dele de não responder, se quiser, e arcar com as consequências disso e silenciar e ser interpretado, enfim. Nós estamos aqui



tranquilamente. O que o senhor não pode é responder por ele ou, então, soprar para ele responder, porque isso agride nosso Regimento.

O SR. ROGÉRIO MATTOS - Sei, mas em nenhum momento aconteceu isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Certo. Então, passo a palavra ao Deputado José Augusto Maia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Boa tarde a todos, não sei nem se é noite. (*Risos.*)

Bom, o início já foi bem explicado pelo nosso Presidente, não é?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Hum.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Você pode responder se quiser. Não é obrigado a responder, como foi bem alertado o advogado aqui agora.

Eu apenas vou falar aqui coisas que o senhor falou aqui.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Hum.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - O senhor disse que recebeu um telefonema de uma prima sua, não é?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Para acompanhar o senhor...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Esposo dela.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Para acompanhar o Cigano.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - O Cigano.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - A Renata.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - A Renata.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Sua esposa, e que atendeu ao pedido da sua prima.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Entendi.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Não é verdade?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Hum.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - E que, chegando aqui em Salvador, depois que falou com ele e que sua prima disse para prestar os serviços a ele, você me disse que foi trabalhar como motorista dele. O senhor disse aqui.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi, motorista.



O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - E que ele mandou — você mesmo disse, eu estou falando aqui as palavras que você disse e está gravado — procurar meninas em boates. Meninas de boates são meninas de programa. É do conhecimento de todo mundo. Ninguém é criança. E que o senhor falou aqui que foi à procura, que foi em boates juntamente com ele, levou ele à Boate Vip.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Deixei ele na Boate Vip.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - É, levou à Boate Vip. E depois o senhor diz aqui que foi com ele para trocar euro em real lá no Pelourinho.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi no segundo dia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Exatamente, no segundo dia. E juntamente com sua esposa, você ficou tendo contato com sua esposa — a esposa dele, a do Renato. E que sua esposa, junto com você, o acompanhando, foram para tirar documentos dessas pessoas. O senhor mesmo disse aqui. E disse também que, quando falava com as meninas, que você até citou aqui o nome de Márcia, Lidiane, Marcela e uma moreninha, que não disse o nome.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi. Não sei, não sei, quem é que foi.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Eu estou falando aqui o que o senhor disse. E que elas iriam ter um contrato lá, um contrato certo.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Certo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Certo. Foi isso que o senhor disse aqui, ia ter contrato lá.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - E que, juntamente com sua esposa, foi tirar os documentos, passaporte, e também falou que todas as despesas, o senhor falou, que todas as despesas que elas tivessem em viagem, passaporte, toda a documentação, eles pagariam tudo.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eles pagariam.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - O senhor foi quem disse aqui pra gente e está confirmando...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi



O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - ... aqui e agora. E que foi também um dia para uma churrascaria, um restaurante que o senhor me falou aqui.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - E que lá aquelas meninas que o senhor teve contato as levou para o jantar.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Elas já estavam lá, já estavam lá na churrascaria, quando ela ligou pra mim: *Já estou aqui nessa churrascaria te esperando.*

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Bom, o senhor me disse aqui que levou. Foi o senhor que disse. Se voltar, vai ver que o senhor disse.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, eu não disse que levei, eu disse que...

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Bom, eu estou dizendo que lhe ouvi, mas não tem problema, você está dizendo agora... Era um restaurante ou uma churrascaria? Como é que o senhor disse?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Uma churrascaria.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Uma churrascaria.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Lá em Paripe.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Aqui, em Salvador mesmo?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi lá em Paripe, lá em frente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Paripe, Salvador.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Salvador.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Bom. E depois desse almoço o que é? Que se teve um prazo. Até que o senhor disse que sabe até que existe um passaporte rápido e um mais demorado, um passaporte que...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - A informação das meninas que passaram pra mim, a informação.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Bom. Tudo bem que foram as meninas e que o senhor sabe. Que, inclusive, o senhor disse que sua esposa é que saiu junto com você.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É porque...

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Pode dizer.



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Porque quando a gente saía junto, ficava todo mundo junto. Era ele, eu, as meninas, todo mundo junto. Tanto que, no dia do passaporte, ele ficou lá, ficou vendo como é, ele ficou vendo, ficou observando, perguntou qual era a maneira mais rápida de fazer essas meninas viajar. Ele perguntou tudo isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Então, o senhor estava informado.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Lá no SAIC, o rapaz informou a gente que a maneira mais fácil de...

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Isso não tem diferença nenhuma, não é? Não, o que eu estou falando aqui e quero ser mais rápido também, porque temos ainda a sua esposa para ser ouvida, etc... Então, depois de tudo isso que o senhor fala, de todos esses contatos, do telefonema, de saber até que teve brigas com o Cigano e a sua esposa no hotel, etc.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, não foi com a minha esposa, foi a com a esposa dele.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Dele, exatamente. O senhor passou a ter uma intimidade com ela que chegou a lhe chamar para ir a sua casa e você disse: *Na sua casa, não, que dava e tal...*

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Tanto...

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - O senhor é que disse aqui.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Mas posso responder?

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Isso dá a entender que o senhor tinha, conseguiu uma amizade grande com eles. Ora, o marido briga e a pessoa chama a pessoa é porque a pessoa tem muita confiança. Jamais ela iria lhe chamar no hotel tendo uma briga com o seu esposo e lhe chamar aleatoriamente. Teria que ter...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Mas ela não tinha ninguém aqui para acudir ela. Só tinha eu aqui que era parente dela.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Não. Eu só estou dizendo aqui palavras que o senhor disse aqui.



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - E eu confirmo que o rapaz que estava na recepção ligou pra mim. Posso levar o senhor lá e o senhor confirmar que o rapaz do hotel disse: *Olhe, o gringo aqui está querendo matar sua prima. Você venha aqui pra resolver o problema.*

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Bom, então, depois de tudo isso, eu vou lhe perguntar uma coisa: depois de o senhor saber que tinha que procurar meninas de boates, garotas de programa, que tirava toda a documentação, que pagava, tudo isso que eu falei aqui agora, o senhor nos diz que não sabia o que elas iam fazer no exterior, lá na Espanha.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não sabia, de jeito nenhum.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Veja só, se a pessoa chega aqui e lhe pede pra procurar meninas de boate, garotas de programa, que tira documentação, que paga, que faz tudo, que lá vai ter um contrato e um contrato seguro, como o senhor disse, dinheiro certo — não é? —, e o senhor saiu também, ganhava 2 mil reais aproximadamente por mês...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Eu trabalhei de motorista.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Sim. Das campanhas políticas, não interessa aqui para quem. Tinha um salário que ganhava, e ele cobriu as despesas para lhe pagar. Foi o senhor que disse.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi isso mesmo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Veja bem. A minha pergunta e acho que esta CPI, observando tudo o que senhor falou, e o senhor dizendo que não sabia o que elas iam fazer, que serviços elas iam fazer lá no exterior e que nem... soube daquela boate pela televisão.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Com certeza.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Ficou espantado porque viu aquela coisa.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Com certeza, eu não sabia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - E eu pergunto ao senhor. Ora, se o senhor fez tudo isso, toda essa peregrinação aqui em Salvador, para procurar meninas, para dizer as vantagens, correr para tirar documento, tudo, e que era para ter contrato. O senhor acha que lá elas iriam trabalhar em quê? Em uma farmácia?



iam trabalhar em um escritório? Ou outro emprego qualquer? O senhor é tão inocente assim? Imagine só, o senhor manda procurar garotas de programa, meninas de boate...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Mas as meninas não são de boate, não são garotas de programa. Essas meninas que...

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Mas você me disse que foi na boate.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Eu fui na boate, levei na boate, deixei ele na boate e, depois, mais tarde, eu fui buscar ele. Não foi na boate.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Mas o senhor mesmo disse aqui que disse às meninas... O senhor diz, com suas palavras, que disse às meninas que elas iam ter um contrato. Está dito pelo senhor aqui, não somos nós, não.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Mas eu não disse que foram as meninas de boate.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Não, olha, o senhor foi na boate.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu deixei ele na boate, larguei ele na boate, fui para casa, voltei, e ainda pedi para ele retornar, para ligar para mim, para eu buscar ele na boate depois.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Não, mas o senhor disse que foi com as meninas...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Que falou o nome delas aqui...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - As meninas foram...

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Inclusive, disse até que uma delas... o senhor sabe que foi. O senhor foi quem disse. Eu não estou dizendo aqui... Eu disse que ia falar tudo aqui que o senhor falou aqui e agora. Não estranha muito o senhor não saber, não ter, assim, a ideia do que essas garotas, essas meninas, iam fazer lá na Espanha?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não tinha ideia nenhuma. Não tinha ideia.



O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Mas o senhor sabe que é difícil a gente acreditar. Fica uma contradição muito grande. Assim, eu ir, levar em uma boate, pagar passaporte, tudo isso, despesa, tal.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Tanto que ele falou que a Mônica que resolvia os problemas das meninas lá, que ele... Quando chegasse lá, as meninas que iam acertar tudo com a Mônica. Tanto que a Mônica é a mesma pessoa que a Renata. Para você ver o tanto... eu nem sabia que Mônica era Renata. Talvez a minha inocência como está, então.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Eu quis aqui, neste momento aqui... minhas observações só no que o senhor falou.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Com certeza.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Nem no que está escrito aqui, nem... muitas coisas... no que o senhor falou para mim agora, para nossa Comissão, não é? De tudo o que o senhor... Eu fui acompanhando. Tudo o que senhor falava, eu fui anotando aqui. Deu para entender a interação muito grande, e que o senhor é, durante todo esse tempo... Passar a ser uma coisa íntima do casal. E esse casal vindo, que está agora, o senhor já sabe. Hoje, o senhor sabe o que eles levaram para lá. Não sabe? O que fizeram com as...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Soube. Eu soube pela imprensa. Soube pela imprensa.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Soube pela televisão, não é?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Soube pela imprensa.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - O senhor e o Brasil inteiro. Veja bem, a minha pergunta é só essa, sabe, que eu quero colocar no nosso relatório aqui, é de que o senhor participou, aqui em Salvador — eu estou dizendo o que o senhor disse aqui — de todas as negociações, acompanhou tudo, tirou documentos, até dizendo que tinha contrato. “Eu tenho um contrato.” “Vou dizer à pessoa que tem um contrato bom e tal.” Mas um contrato, só um contrato, sem dizer de quê? O senhor disse que não sabe. Presidente, a minha observação aqui é justamente isso aqui. Mas parece que eu tenho uma pergunta. O senhor disse que tem uma moreninha. E o senhor disse que sempre fazia as coisas em grupo, também. O senhor disse.



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - De todas... essa moreninha, o senhor não tem?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ela tinha um apelido, não me lembro muito do apelido dela, não. Ela tinha um apelido, que as meninas chamavam ela.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Você se lembra aí algum apelidozinho?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não me lembro do apelido dela, assim, não, que ela era uma pessoa muito reservada. Ela não falou, assim, muito, assim, não. Ela ficava muito calada.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - E das meninas que o senhor viu na televisão lá, que foi propagado, alguma coisa, o senhor conhecia algumas delas?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Conhecimento, assim, de amizade, não. Não tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Não, o senhor conhecia aqui em Salvador?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Se eu conhecia aqui de Salvador, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Não, mas o senhor não disse que procurou essas meninas. Disse aqui até o nome delas: Márcia, Lidiane, Marcela.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi. Se... Lá, mesmo, a gente conversando, no dia da passagem...

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - O senhor sabe e disse aqui que levou no aeroporto, para elas viajarem.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu trabalho como motorista. Ele me pediu para levar as meninas para o aeroporto, eu levei as meninas no aeroporto. Eu trabalho como motorista, eu recebi a ordem. É como a pessoa recebe ordem, igual patrão.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Olha, um motorista...



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Qualquer pessoa recebe ordem de um patrão.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Na minha concepção, um motorista, ele é um motorista. Todos nós, Deputados, temos motorista. Chegou, a gente vai, sai, viaja, vem aqui, mas o motorista de qualquer pessoa, de um empresário, de um Deputado, de qualquer pessoa, quando ele é motorista, é motorista e não... Pelo o que o senhor falou, a função não era bem posta.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Para você ver...

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Foi o senhor que disse aqui.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu estou dizendo. Para o senhor ver que eu não sou nem motorista, eu trabalho em outro cargo, em outra função, eu trabalho com propaganda. Você vê, então, que eu fui levar como motorista. O motorista, quando ele é habilitado, ele sabe o que ele vai fazer, ele já tem experiência. Para isso que existe o curso de motorista, entendeu?

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Bom...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - A pessoa que tem um curso de motorista, o motorista já sabe que ele tem que fazer as obrigações dele. Quando o senhor entra no carro, já sabe das normas. Eu não sou motorista. Eu fui, como se diz, tentar ajudar, ser motorista, fui tentar ganhar um dinheiro extra. Eu estava construindo a minha casa; eu estou com o meu carro atrasado; eu moro de favor na casa de minha mãe; minha conta de banco está...tenho cartão de crédito para pagar, está tudo aí; eu tenho cheque também sem fundo na rua; tenho um bocado de coisa. Minha vida mesmo...Não ando com a vida boa. Tenho um carro velho para propaganda. Eu ganho ou pouco ou muito, é com que estou sobrevivendo até hoje. Sempre ganhei honestamente, nunca precisei de ninguém, nunca fiz nada de errado, todas as pessoas que me conhecem sabem de minha índole. Todos com quem eu trabalhei, os candidatos, conhecem minha índole. Eu ando direito, nunca fiz nada de errado; trabalhei com o Dr. Rosemberg na campanha dele, viajei com ele, com o Dr. Rosemberg, viajei com ele na campanha. Tanto que o pessoal entrou em contato comigo agora para, em 2014, eu trabalhar com ele também de novo; trabalhei com Dr. ACM Neto, também trabalhei; trabalhei com o Dr. Maurício Trindade, já fiz campanha também dele; trabalho com a Adélia, a Adélia do



megafone, trabalho com ela, ela conhece a minha índole. (*Ininteligível.*) Eu sou pessoa...Nunca me envolvi em nada que não seja certo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Bom, eu quero lhe agradecer, certo? O que eu queria lhe perguntar, já lhe perguntei, você respondeu. Vamos dar prosseguimento. Obrigado.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Está bom, obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Muito obrigado, Deputado Belo.

Sr. DENÍLSON, eu lhe agradeço também.

O que eu ia perguntar já foi, praticamente, esgotado pelo Deputado Couto, pelo Deputado Belo, mas têm algumas coisas...Maia, perdão. (*Risos.*)

Eu quero lhe confessar aqui, Sr. DENÍLSON, que eu estou torcendo e estou inclinado a acreditar no que o senhor está dizendo, está certo?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ainda não tenho certeza.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Mas o senhor vai ter certeza, com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas eu estou inclinado em acreditar no que o senhor está dizendo. Eu acho que o senhor está falando...

Veja bem, pelo que o senhor está dizendo aqui, o senhor não é o ator principal desse enredo, o senhor não é autor desse processo de agenciamento, estou levado a crer nisso. Mas a única coisa que vai lhe diferenciar um pouco aqui, no meu entendimento, é que se o senhor tiver conhecimento de que esta articulação toda era para fins criminosos, o senhor não tem como se isentar disso.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mesmo que o senhor não tenha sido, vamos dizer assim, o autor dessa engrenagem toda. O fato de... É uma diferença pequena, mas definitiva para o senhor.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É. Eu sei que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Se o senhor tiver de "laranja" nessa história, para usar uma linguagem muito vulgar e chula, o senhor está... O seu advogado já deve ter lhe orientado nesse sentido. Agora, se ficar



caracterizado que o senhor tem conhecimento, aí é o que o senhor vai... é a sua sina.

Veja bem... Qual é a sua escolaridade? O senhor pode nos revelar aqui?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Segundo grau completo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor tem o segundo grau, nível médio completo.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Completo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor já teve alguma denúncia, algum processo na Justiça...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Graças a Deus, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...na Polícia, alguma coisa?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nunca me envolvi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Briga de vizinho, alguma coisa?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Nunca me envolvi em nada, assim, de vizinho, de briga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Nada.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu não ando... Você vê tanto que a minha vida é tão reservada que é eu e minha esposa...Eu faço minhas coisas em casa, eu não ando em bar, não ando na rua...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Certo.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS -... é do meu trabalho para casa e da casa para o meu trabalho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quanto tempo o senhor ficou, desde que a sua prima lhe convidou para ser motorista, uma espécie de acompanhante? Porque, pelo que o senhor disse, o senhor não era apenas um motorista; o senhor também era uma espécie de orientador, porque ele não conhecia nada, espanhol.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É, não conhecia nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Esse Cigano não conhecia nada aqui. Além de o senhor conduzi-lo para onde ele queria, ele perguntava: *Onde é que tem uma boate bacana?*



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - *O Mercado Modelo, como é que é? Como é que a gente chega lá? O que é que tem lá? Onde é que a gente come um acarajé aqui?*

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu levei ele para comer um acarajé...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - *Onde é que a gente assiste a um show da Ivete Sangalo, da Claudinha?* Enfim, essas coisas que qualquer turista na sua atividade, e o senhor vai tentando servir, agradar o cliente...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - O cliente. É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) -... para ver se ganha um trocado.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Um trocado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ele lhe prometeu 2 mil, que era quanto o senhor ganhava na campanha do atual Prefeito de Salvador, que se elegeu.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Quem se elegeu foi ACM Neto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Além de tudo, o senhor é pé quente na política, porque o senhor trabalhou com ACM Neto e ele acabou ganhando.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Veja bem, o senhor, além de motorista — é isso que eu quero dizer —, era uma espécie de conselheiro dele aqui. Conselheiro nesse sentido de dizer: *Olha, onde é que tem uma boate? Onde é que tem um negócio? Onde é que tem uma orla que a gente pode comer uma ostra bacana? Onde é que tem um camarão aqui que seja...* E o senhor, como é uma pessoa popular...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ... já trabalhou em diversas campanhas, nunca saiu de Salvador, a não ser...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Em Itiúba.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ... no Município da sua companheira, da sua esposa, enfim, os senhor conhece e pode indicar.

Eu, se estivesse aqui...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Como eu indiquei a ele para ir para Itiúba.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) -... conhecendo a Bahia e soubesse do seu *pedigree*, vamos dizer assim, da sua *expertise*, eu ia lhe contratar também para ser uma espécie de meu acompanhante aqui na Bahia, para dizer o seguinte: Seu Denílson, onde é que a gente... onde é que tem uma boate bacana?, Onde é que a gente come um acarajé...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Acarajé.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ... do bom? Onde é que...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Em Itapuã. O senhor come um acarajé bom em Itapuã.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Itapuã, uma praia bacana, enfim. Então, o senhor tinha esse tipo de...

Quanto tempo o senhor passou com o Cigano?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu passei 22 dias.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quase 1 mês.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi. Ele ficou de me dar o dinheiro e não me deu. Ficou de me pagar...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ele tinha lhe prometido mil reais no início e depois mais 2 mil?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Era mil no sinal e mil quando terminasse, quando ele fosse embora. E ele nem me pagou meus mil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ah! Então, eu entendi mal. Só para a gente esclarecer. Porque o senhor disse que quando a sua prima, que é a Renata...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Renata.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ... mulher dele, que o senhor não via, não tinha contato, o senhor tinha contato com a mãe dela...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A mãe dela é sua prima legítima?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É minha prima legítima.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Irmã da sua mãe?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, ela é sobrinha...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A mãe dela...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - A mãe dela é irmã de minha mãe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Pois é. A mãe dela é irmã da sua mãe?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - De minha mãe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Claro. Então, ela é prima de segundo grau, como o pessoal chama.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É, prima de segundo grau.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A Renata.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - A Renata.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E ela estava lá na Espanha?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Na Espanha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E ela veio pra cá e aí pediu que o senhor recepcionasse o marido dela, o companheiro dela...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - O companheiro dela. Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ... que estava chegando...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Chegando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ... e precisava de uma pessoa de confiança...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - De confiança.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ... que pudesse ser seu motorista.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ser motorista.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Foi isso?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi isso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E o senhor disse que o senhor estava ganhando 2 mil reais quando...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Na campanha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ... na campanha.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E, evidentemente, eu entendi assim: que o senhor só sairia da campanha, que o senhor estava bem sossegado, na atividade que o senhor conhece, com o político que o senhor estava trabalhando, se fosse melhor. Entendi que o senhor ia ganhar 3 mil com ele e não 2 mil.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não. Ganhei 2 mil. Tanto que eu falei com o Odorico, disse: Odorico, há possibilidade de ficar trabalhando e ganhar esse dinheiro extra com meu parente? Ele disse...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ah! Então, o senhor ficava com ACM ganhando os 2 mil e mais 2 mil com ele.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É. Mas aí ficava no período... Aí o Odorico disse: *Olha, você trabalha aí tal hora*. Mas teve um tempo que não deu mais para trabalhar com... Têm uns dias que eu não trabalhei com ACM Neto. Aí depois Odorico falou: *Olha, lá o pessoal está exigindo muito do carro de som, você vai ter que andar mais frequentemente*. Deixei partir... deixei o gringo e continuei minha campanha, até o final, trabalhando com ACM Neto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Durante esses 22 dias, o senhor ficou lá e cá?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Lá e cá, lá e cá. Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Tentando dar um jeito para ganhar...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Para ganhar um trocadinho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ... um extra. Muito bem.

Então, a sua prima pediu para o senhor fazer, o senhor ficou com ele, tal, tal, tal, e aí o senhor conheceu a Márcia.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu conhecia a Márcia há tempo já.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor já conhecia a Márcia antes?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Em Paripe. Ela trabalhava lá na... ali no Centro de Abastecimento. Ela, Márcia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Onde?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Centro de Abastecimento, em Paripe. Eu trabalhei na obra financeira; Fábio, um amigo meu de carro de som, trabalha lá em Paripe. Eu estava conversando com ela, ele me apresentou essa Márcia lá. Mas Márcia não é garota de programa, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não é o quê?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não é garota de programa, não, Márcia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não. Eu não estou falando isso. Eu não insinuei, não conheço. Eu não estou lhe perguntando se ela é... Não conheço. O que eu quero lhe perguntar é o seguinte: o senhor já a conhecia, porque o senhor trabalhava perto de onde ela trabalhava. É isso?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É. Na Ubla Financeira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E aí esse amigo em comum...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Fábio, amigo meu de carro de som.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ... lhe apresentou para ela?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Me apresentou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Que circunstância foi isso? Pode nos revelar aqui? Como é que o senhor conheceu, assim, em detalhe?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor estava tomando um café, o Márcio estava com ela, o Fábio, ele apresentou? Já sabia? Como foi?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - O Fábio estava conversando com ela no setor de abastecimento. Aí eu estava na Ubla Financeira, eu tinha chegado e falei assim: "*Ó, eu vou tomar uma água aqui e volto*". Porque a gente tinha que dar uma volta, circular o centro, e parava o carro sempre na frente de



abastecimento da propaganda. Aí eu ia lá nos intervalos, ia no banheiro, ia beber água. Foi que Fábio estava conversando com Márcia. Aí ele me apresentou, aí eu fiquei conversando: *“Aí, Fábio, como está essas propagandas aí? Tá devagar”*. Ele disse: *“É, tá mesmo”*. Aí eu falei: *“Poxa, eu estou querendo fechar um negócio com a Insinuante ali, mas os caras estão querendo que, não que fechar”*. Aí fiquei conversando com ele e, depois, ele disse: *“Ah, aqui é minha amiga aqui, Márcia. Ela tem muito conhecimento aqui em Paripe. Ela trabalhou com (ininteligível) Vê se ela arranja umas propagandas pra você aí.”* Conheci Márcia assim por o alto. Aí conheci Márcia. Aí, no outro dia, encontrei com Márcia e conversei com Márcia. Falei assim: *“Olha, Márcia, vê se consegue mais propagandas pra mim aí, porque eu estou na Ubla Financeira só trabalhando e só estou vindo aqui duas vezes na semana. Aí fica puxado pra mim pra eu trabalhar na Ubla Financeira só duas vezes na semana.”* Aí entrei em contato, depois, aí, terminei o contrato com a Ubla Financeira, não tive mais contato com ela. A última vez que encontrei com Márcia foi quando o pessoal da Insinuante me chamou para trabalhar. Foi que encontrei Márcia lá, eu ia com minha esposa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Então, não seria correto eu dizer ou deduzir que o senhor era amigo da Márcia? Não?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, amigo da Márcia não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor conheceu assim...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Conheceu assim, foi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Falou que estava em dificuldade, ela também. Então, até logo, até logo...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Até logo. Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não tinha o telefone dela, não tinha contato, não saía com ela.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não tinha nada, o telefone, nada, nada. O único contato que eu peguei foi no dia que eu vinha descendo com minha esposa, que e ela me chamou: *“Inho!”* Aí minha esposa disse: *“Quem é, Inho? Que é essa intimidade com essa menina, de Inho?”* Aí eu fui, voltei com o carro, dei uma ré e falei: *“Não, essa aí foi uma amiga que eu conheci através de um colega meu, o Fábio. Ela me chamou de Inho”* Entendeu?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Certo. E se o senhor tinha um contato à distância, formal, sem nenhuma intimidade, sem nenhuma aproximação, não falava com ela há muito tempo, como é que o senhor se lembrou dela para poder conseguir essas meninas para trabalhar na Espanha?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu fui, quando eu fui em Paripe, eu falei, eu conversei com Márcia, eu falei: *“Márcia, eu estou aqui em Paripe, você pode vir aqui?”* Eu conversei com Márcia lá em Paripe lá. Aí ela disse: *“Ó, Seu China, arranja um emprego pra mim, alguma coisa.”* Aí eu disse: *“Olha, Márcia, eu não tenho emprego nenhum no momento.”* Aí ela disse: *“Então, consiga alguma coisa pra mim.”* Eu disse: *“Eu não tenho trabalho nenhum”*. Aí, foi tanto que surgiu esse ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas desculpa eu lhe insistir, porque isso aí é importante. Veja bem, o senhor acabou de dizer aqui para nós todos que o seu contato com essa Márcia foi um contato fortuito,...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...ocasional, como acontece no cotidiano de cada um de nós. Chega na rua, o cara está tomando um café, aparece um camarada, puxa um papo, diz *“Olha, esse aqui é um amigo meu. Bom dia, boa tarde, até logo”*, e vai embora. No outro dia acontece de novo. Toda semana, com qualquer um de nós, é comum uma situação desse tipo.

Aí eu lhe pergunto o seguinte. De repente, a sua prima que está na Espanha — porque o senhor tentou caracterizar que era uma coisa à distância, que o senhor mal conhecia a sua prima, desde a infância que não tinha contato com ela —, de repente, um anjo da guarda baixou e fez com que essa sua prima procurasse pelo senhor, que é motorista, que conhece bem Salvador, para ser uma espécie de condutor e dar umas dicas para o esposo ou namorado que está chegando da Espanha. Aí, em 22 dias. Aí, de repente, coincidentemente, essa Márcia, que o senhor teve um contato também trivial, absolutamente secundário, o senhor encontra de novo com essa Márcia. Ela liga para o senhor? Ela tinha o seu telefone?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, não tinha o telefone.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor liga para ela?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ou foi mais uma casualidade? De novo, o senhor encontrou ela por acaso e ela disse *“Olha, eu estou sem emprego.”* E aí coincidiu. Foi assim? Me explique em detalhes isso, se o senhor puder.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, eu falei com o Fábio, conversei com o Fábio: *“Fábio, aquela menina que você estava conversando aquele dia, ela já tem emprego? Ela tá trabalhando? Não, porque eu estou com um gringo aí, ele está querendo levar um pessoal para trabalhar na Espanha. Eu não sei o que é.”* Aí Fábio disse: *“É? Aí, rapaz, acho que ela vai porque ela tá desempregada e tá querendo trabalhar.”* Eu disse a ele: *“Eu não sei o que é, pra que é pra trabalhar”.* Aí o Fábio ligou para ela, conversou com ela lá: *“Márcia”.* Aí ela veio e conversou comigo. Eu disse: *“Olha, Márcia, tem um rapaz lá, um gringo, que quer trabalhar na Espanha? Faz contrato de...”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Desculpe-me, Sr. DENÍLSON. Veja bem, se o senhor, se eu estiver sendo impertinente, o senhor tem o direito de não...Veja bem, o senhor é motorista, estava querendo ganhar um troco, estava conseguindo compatibiliza, a sua renda nesse período ia dobrar, o senhor, de dois ia sair para quatro, certo? Dois do gringo, do Cigano, e dois da campanha do ACM.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Está certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Veja bem, já era um bom negócio, não é?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Aí o senhor está de motorista, aí o cara lhe pede uma pessoa, uma menina para trabalhar numa boate na Espanha. Certo? Aí o senhor se lembra da Márcia, a quem o senhor não tinha contato há muito tempo, se apresentou na rua, casualmente?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, eu me informei primeiro com o Fábio. Com o Fábio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Simi. Mas o senhor se lembrou dela. O senhor foi atrás da Márcia por caridade, ficou com pena dela?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor diz que ela não era uma pessoa amiga. Porque, quando é uma pessoa amiga, eu me sinto na obrigação.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu vou explicar ao senhor como foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Eu digo que, daqui a pouco, o amigo descobre que eu tenho uma oportunidade para arranjar um emprego para ele e diz: "*Pô, o Jordy teve uma oportunidade de arranjar um emprego, sabe que eu estou desempregado, o cara diz que é meu amigo, e não me disse nada*". Pode até ficar magoado, e com razão. Mas uma pessoa que eu conheci na rua, por acaso, alguém me apresentou? Será que o senhor não teria outras pessoas a quem o senhor devesse uma consideração maior, para conferir essa bondade de arranjar um emprego na Europa? O senhor foi se lembrar da Márcia por que razão?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, eu conversei com Fábio, esse Fábio, e falei: "*Fábio, me diga uma coisa: aquela Márcia que você disse que ia ter conhecimento com as meninas, que esta estava na academia, ela disse que estava desempregada...*"

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Essa Márcia era da academia?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É da academia ela. Ela fez academia lá em Paripe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Academia de ginástica.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - De ginástica. E Fábio disse: "*Não, Márcia tem muito conhecimento aqui com as meninas*". Aí ele falou assim: "*Não, sabe por quê?*" "*Porque tem um parente da minha prima, um esposo da minha prima, ele está precisando de pessoas para trabalhar — eu não sei o que é —, para trabalhar. Se ela tem uma amiga interessada, se tem uma coisa interessada a trabalhar.*" — eu falei assim com ele. Aí Fábio disse assim, aí Fábio disse: "*Acho que a Márcia deve querer, porque a Márcia está desempregada, está querendo, ela disse, ir até para São Paulo*". Então, ele disse; "*Olhe, Márcia...*"



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ah, então o senhor já sabia que essa Márcia, que trabalhava, que fazia academia, numa academia, conhecia outras meninas que poderia convidar para ir com ela para a Espanha?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, que iria convidar não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Trabalhar.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Que ela conhecia para trabalhar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Trabalhar. Mas era na Espanha, porque era o Cigano que estava pedindo para trabalhar, para ir para a Espanha!

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É. Aí eu falei com essa Márcia. Eu disse: "*Olhe, Márcia, tem um gringo aí que ele quer trabalhar com uma pessoa. Ele faz o contrato, faz tudo isso, mas eu não sei o que é que ele quer trabalhar lá na...*"

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Aí o senhor procurou ela porque o senhor sabia que ela conhecia outras meninas.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi, eu conversei com ela. Tanto que, na churrascaria. ela nem se interessou. Márcia disse: "*Eu não me interesso*". Ela disse: "*Olhe, eu não vou porque... Eu não vou não*". Tanto que as amigas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas ela arranjou as meninas?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi. As duas meninas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E essas meninas, ela arranjou como? O senhor sabe?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não sei como foi que ela arranjou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Na academia provavelmente?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não sei. Quando ela chegou... Eu cheguei na churrascaria com o Gringo, ela já estava com as meninas lá. Ela estava com o Gringo, a Márcia já estava com o Gringo lá. Quando eu cheguei, ela estava com as meninas lá. Aí...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas, Seu DENÍLSON, se o senhor procurou a Márcia porque sabia que a Márcia tinha contato com meninas na academia e que o Gringo, que era o cara que estava ali contratando, estava interessado — então, até aí tudo bem —, estava interessado em meninas para trabalhar na Espanha e ganhar em euro... Se a Márcia... Aí o senhor procurou a Márcia porque a Márcia tinha contato com outras meninas. Não seria natural o senhor perguntar: *"E aí, Márcia, conseguiu as meninas para o meu patrão? Eu queria dar uma resposta, ele está me cobrando"*. Alguma coisa assim. E ela lhe teria dado uma resposta; *"Olha, consegui as meninas. Tem umas amigas minhas lá na academia, ou tem uma vizinha minha também que eu falei com ela"*.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, foi assim que ela falou: *"Eu conversei com umas meninas lá na academia, e algumas meninas se interessou"*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ah, então ela falou para o senhor que conseguiu as meninas na academia, para se interessar por esse emprego.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - *"Eu falei com as meninas lá, que as meninas da academia se interessou e disse que vai viajar."* Aí depois, chegou lá, eu disse: *"E aí, Márcia, então, como é? Você vai levar as meninas?"* *"Eu vou levar as meninas lá na churrascaria."* Quando eu cheguei com o Gringo na churrascaria, ela já estava com as meninas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas, quando chegou na churrascaria, o senhor já sabia que a Márcia tinha conseguido as meninas na academia.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi, ela conseguiu essas meninas na academia. Não, não sabia não. Quando ela ligou para mim...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sabia ou não sabia, Sr. DENÍLSON?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ela ligou no meio do caminho, ela ligou no meio do caminho e disse assim: *"Eu estou com as meninas já aqui na churrascaria, esperando você. Você tá aonde?"* Eu disse: *"Eu tô chegando aí"*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas é o que eu lhe pergunto. Se o senhor procurou a Márcia, o senhor acabou de dizer que procurou a



Márcia porque a Márcia tinha contato com umas meninas na academia, não era natural que o Gringo lhe cobrando se o senhor conseguiu as meninas, o senhor perguntar para Márcia: "*Márcia...*"

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É, ele cobrava, ele cobrava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Cobrava, não é isso? É natural. Aí não era natural que o senhor dissesse: "*Márcia, que tal? Conseguiu as meninas ou não?*" Ela ia dizer: "*Olha, consegui. Tem duas aqui que se interessaram, tem mais...*"

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi. Chegou lá na hora, ela disse...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Então, quando chegou na churrascaria, o senhor já sabia que a Márcia tinha conseguido as meninas.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi, que ela tinha marcado um encontro com as meninas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Já sabia?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi, marcado encontro com as meninas. Ela disse assim...

O SR. PRESIDENTE (Deputado (Arnaldo Jordy) - Claro.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Ela chegou assim... Não, ela tinha ligado para Fábio; Fábio ligou para mim e disse assim: "*Olhe, China, Márcia já conseguiu as meninas e está lá na churrascaria*". Ai eu disse: "*Vai, Fábio. Eu não vou poder ir porque eu estou...*" "*Não, vai lá com o Gringo, para almoçar com as meninas lá.*" Aí eu fui almoçar com as meninas, lá churrascaria, com ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Só tem mais duas perguntinhas que eu queria fazer para o senhor, Seu DENÍLSON.

Quando chegou na churrascaria... O senhor comentava isso com a sua esposa? Quanto tempo o senhor tem de casado com a D. Elizânia?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Vai fazer 4 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quatro anos. E, pelo que o senhor disse aqui, uma convivência doméstica, harmônica, caseira. Portanto, presume-se que o grau de cumplicidade do senhor com a sua esposa — cumplicidade no sentido de casal, tá certo? — era muito intenso. O senhor



comentava: "Olha, o Cigano me pediu para falar, para arranjar umas meninas para ir trabalhar lá. Eu falei com a Márcia. A Márcia ficou de arranjar umas meninas na academia". O senhor chegou a comentar com a sua esposa sobre isso?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Comentei com a minha esposa, comentei com ela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mais ou menos como eu estou lhe dizendo? Foi isso? Eu estou lhe perguntando.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi, eu conversei com ela de noite. Ela até falou assim — ela ficou até com ciúmes: "Ah, você fica arranjando essas meninas aí, você se envolvendo nisso aí". Eu disse: "Não..."

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ela falou como?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Falou assim: "Ah, você fica com essas meninas aí, pegando essas meninas aí. Você não conhece essas meninas. Quem é essas meninas que você tá sempre botando no carro?" Eu disse: "Eu não boto menina no carro nenhum". "Por que você tá indo pra Angra e pra onde?" Eu disse: "Não, eu fui para Angra e para uma reunião em Paripe só".

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A sua esposa questionou para o senhor por que o senhor estava se envolvendo, arranjando essas meninas.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor teria a disposição de quebrar o seu sigilo? O senhor colocaria à disposição a quebra do seu sigilo bancário e telefônico, Sr. DENÍLSON?

O SR. ROGÉRIO MATTOS - Ele colocaria.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Colocaria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Colocaria, não é? O senhor está disposto?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Estou disposto, estou disposto.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Tá certo. Não, não, o senhor está no direito de orientar o seu cliente. O senhor só não pode é interferir no depoimento dele, doutor.

O SR. ROGÉRIO MATTOS - A minha ideia é que fale.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não, mas o senhor manifestou o contrário agora. Mas é um direito seu.

O SR. ROGÉRIO MATTOS - Mas eu posso explicar o porquê.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não, não interessa, porque o senhor não está depondo aqui, o senhor não tem...

O SR. ROGÉRIO MATTOS - Então, a outra não vai falar mais nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor é que sabe, doutor (*riso*), o cliente é seu, o cliente é seu. Não tem problema. O senhor não pode é estar interferindo no depoimento dele. O senhor teve todo o tempo para orientar. Nós estamos aqui fazendo perguntas, e ele responde à vontade. Não há constrangimento aqui de ninguém.

O SR. ROGÉRIO MATTOS - É uma pequena bobagem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Claro. Tudo bem, o senhor tem o direito...

O SR. ROGÉRIO MATTOS - Quando falar assim... Eu sei que não pode falar, mas é informalmente falando: quando se fala "*O senhor arranjou as meninas*", passa a ideia de que a menina era para trabalhar de contrato, não para como garota de programa fora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não, a interpretação é sua.

O SR. ROGÉRIO MATTOS - Mas está aberto, está aberto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A interpretação é sua.

O SR. ROGÉRIO MATTOS - A imprensa aqui. Eu autorizei a imprensa a entrar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas, espera aí: o senhor autorizou não, porque o senhor não autoriza nada aqui.

O SR. ROGÉRIO MATTOS - Autorizei não, eu permiti.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor não tem autorização de nada aqui, o senhor é apenas defensor dos seus clientes. Só. Ponto.

O SR. ROGÉRIO MATTOS - Sim, mas eu poderia (*ininteligível*) a imprensa. Eu poderia (*ininteligível*) a imprensa

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Era um direito seu, o senhor não fez.



O SR. ROGÉRIO MATTOS - Poderia. Não fiz por quê? Porque eu acredito nele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Claro, mas não está em xeque a relação sua com o seu cliente, doutor. Nós não estamos, nem temos o direito de questionar isso.

O SR. ROGÉRIO MATTOS - O senhor vê que, em nenhum momento, eu impedi ele de falar. Ele está falando à vontade, está falando à vontade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O que o senhor não pode é tentar... O senhor não pode querer é fazer deduções subjetivas de uma relação...

O SR. ROGÉRIO MATTOS - Mas está aberto, muito aberto. Aí dá margem às pessoas acharem que (*ininteligível*)...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Então, depois, o senhor julgue com seu cliente. O senhor nem poderia fazer esse tipo de comentário aqui.

O SR. ROGÉRIO MATTOS - Eu sei que não. Eu sei o que é uma CPI.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Então se contenha, doutor, por favor. Se contenha.

O senhor teria mais alguma coisa a nos esclarecer, Seu DENÍLSON,...

O SR. ROGÉRIO MATTOS - Pode continuar falando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ... nas suas considerações?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu só tenho uma coisa a dizer: que sou inocente, não participei de nada, sou uma pessoa de bem. Está aí minha... Como o senhor falou, pode investigar a minha conta bancária, como o senhor falou. Entendeu? Pode investigar. Não tenho nada a temer. O único a temer é só a Deus, porque Deus sabe que eu sou honesto, sempre trabalhei para ter o que é meu. Pouco ou muito, eu tenho o que é meu, nunca tive olho grande nas coisas de ninguém. Sou, graças a Deus... Talvez eu estou com as minhas contas vencidas, minha luz, minha água, tudo vencido. Trabalho. Minha mãe ajuda. Tenho meu pai deficiente em casa, que eu trabalho para ajudar, e eu não estou podendo... (*Choro.*) Só Deus sabe... (*Pausa.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Fique à vontade, Seu DENÍLSON, se recomponha. (*Pausa.*)



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Só Deus sabe o meu sofrimento. *(Choro.)* O que eu estou passando, eu nunca passei isso na minha... *(Choro.)*
(Pausa.)

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Seu DENÍLSON, o senhor fala de uma figura que perguntou para o senhor se o senhor conhecia gente para trabalhar, e o senhor falou o nome de Fábio. É? Quem é esse Fábio?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Fábio é um rapaz... Ele trabalha em carro de som.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Também trabalha em carro de som. E ele mora no mesmo bairro que o senhor mora?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, não mora no mesmo bairro que eu moro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor mora no bairro de Cajazeiras, não é?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Cajazeiras. Eu moro em Cajazeiras.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Cajazeiras. Então, essa menina, essa mulher que o senhor foi buscar lá, juntamente com o Cigano e sua esposa que estava, ela mora no Paripe?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Em Paripe, mora em Paripe.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - São bairros distantes?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Bairros distantes, são bem distantes.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

Outra pergunta: a que horas, onde e como é que o senhor foi preso?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu fui preso em casa, na minha residência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sua residência. A que horas?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi às 7 horas da manhã. Eu ia sair para trabalhar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sete horas da manhã.



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Foi. Ia sair para trabalhar, estava fazendo um serviço da Motopema, de uma empresa Motopema. Quando eu ia sair para trabalhar, a Polícia Federal chegou lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E quantos policiais estavam para prendê-lo?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Acho que foram uns dez policiais federais.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dez. Certo.

Outra coisa que eu só queria saber: o senhor, além de prestar o depoimento na Polícia Federal, prestou algum outro depoimento?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O segundo é este aqui?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Só o segundo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse que não conhecia a D. Sueli, não é?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu não conheço de jeito nenhum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não sabia. Agora, nem tinha nenhuma informação sobre ele?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nem informação sobre essa Sueli. Nunca a vi na minha vida.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Ou seja, na realidade, a acusação não somos nós que estamos fazendo; a acusação é das investigações que foram feitas, de que o senhor agenciava, juntamente com a sua esposa, mulheres jovens em outros bairros da periferia de Salvador, para levar essas pessoas para o exterior. O senhor nega isso?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nego, nego.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nega?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nego.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor nunca fez isso?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nunca fiz isso não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nem sua esposa?



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Nem minha esposa. Eu nego.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A outra: o senhor é acusado também de participar de um esquema de tráfico de pessoas, sabendo de que é tráfico de pessoas para exploração sexual entre Brasil e Espanha. O senhor confirma ou nega essa acusação?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu nego essa acusação.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pronto.

E a última que eu gostaria de saber do senhor é: na sua casa também foi feito, teve mandado de busca e apreensão de alguma coisa?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Teve, teve.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O que levaram da sua casa?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Levaram o celular, levaram o computador. Eles investigaram lá minha..., olharam meus documentos, olharam meu guarda-roupa, olhou minha prateleira.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eles investigaram. A casa todinha, eles investigaram.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Levaram o computador do senhor?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Levaram.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O celular.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - O celular. Levaram o celular, tudo levaram.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É? E o que mais que levaram?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Levaram também umas notas que eu tinha de trabalho de empresa que eu trabalhei de autônomo. Aí eles levaram também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Alguma nota de dinheiro estrangeiro?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Não, não. Só foi nota de trabalho mesmo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está bom. Era isso que eu gostaria de ter.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Muito obrigado, Deputado Couto.



Deputado José Augusto.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Olha, eu quero lhe dizer que eu tenho o mesmo sentimento aqui até do Presidente: de que o senhor não é o ator principal, o senhor pode ser um coadjuvante. O que deu para observar é isso aqui, pelo menos o que eu vejo até agora. Isso, como disse o nosso Presidente, quem vai lhe julgar é a Justiça. Talvez a Justiça perceba que o senhor não teve... Não sou eu que vai dizer. A Justiça é que vai dizer se o senhor teve ou não teve, porque, depois de tudo isso — CPI, Polícia Federal, Ministério Público —, tudo cai na Justiça, para ser julgado. O seu advogado sabe disso, e todos nós sabemos.

Torço, estou dizendo aqui, porque tem uma coisa que me dói muito: a corda se quebra, se tora no lugar mais fraco. Isso a gente sabe. Agora, eu sou um homem que acredita em Deus — certo? —, sou muito, estou dizendo... Eu fico aqui, neste momento, até constrangido. Não pense que a gente está aqui feliz para que o senhor seja condenado ou não. Apenas nós somos uma CPI...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Todo dia eu peço...

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - ... e é a nossa função fazer isso que o senhor está vendo aqui: ver o que está escrito, que foi denunciado, para observar. Bom, é só. E o senhor pode contribuir com a sua verdade ou pode se complicar.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É, isso é verdade.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Estou lhe dizendo.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Estou falando a pura verdade.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Bom, era só o que eu tinha para dizer. E que Deus te abençoe.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Graças a Deus.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Eu queria, por fim, mais uma vez lhe facultar o direito de dizer o que o senhor queira dizer, para efeito de esclarecimento, saber se o senhor considera que foi envolvido por uma quadrilha ou foi usado. Enfim, eu queria que o senhor pudesse...

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu estou achando que eu fui usado.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Foi usado por uma quadrilha?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Usado, usado. Entendeu? Porque eu sempre trabalhei até hoje. Todo dia, eu chego lá na minha cela e eu peço, de joelhos, a meu Deus, que Deus cuide de mim, porque (*choro*) a vida na cadeia não é fácil não, é difícil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - É.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu pensei nunca na minha vida a chegar numa delegacia, quanto mais numa prisão, passar com pessoas perigosas que eu passo lá dentro.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Essa pergunta é muito importante: o senhor foi usado por uma organização criminosa?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Acho que eu usado, sim, eu fui usado, porque eu fui vítima e estou sendo acusado de alguma coisa que eu não fiz. Não pratiquei nada, não fiz nada, uma pessoa inocente, um trabalhador. Tenho um carro de som velho lá que eu trabalho e ganho meu dinheiro honestamente. (*Choro.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor tem filho, Sr. DENÍLSON?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Tenho filho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Qual é a idade do seu filho?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Meu filho tem 15 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quinze anos. Um filho só?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Um filho só. E tem outra filha, que é de minha esposa, que eu...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor cria?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Crio também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Então é sua filha, né?

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - É minha filha. É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Está certo. Olha, eu lhe agradeço aqui os seus esclarecimentos, que, para nós, foi de muita validade; e agradeço ao Dr. Rogério Mattos, que é o seu advogado.



Torço para que, o mais rápido possível esse processo, esse inquérito, essas investigações possam levar a uma conclusão. Espero que o senhor possa ter êxito na sua defesa.

Como disse aqui o Deputado José Augusto Maia e o Deputado Luiz Couto, nós não estamos aqui para fazer nenhum prejulgamento. Nosso objetivo é, a partir das denúncias, a partir do que está colocado nos autos, a gente procurar esclarecer e lhe dar uma oportunidade de clarear em seu favor. Isso tudo vai ser encaminhado para o juiz que está afeto ao caso, ao Ministério Público, às autoridades competentes.

E eu espero que o senhor possa ser bem-sucedido, o senhor, a sua esposa, o seu filho, a sua família. Nós não estamos aqui para fazer nenhum tipo de acusação indevida nem somos autores de denúncia alguma.

Então, eu lhe desejo sorte. Fique com Deus. E muito obrigado pela sua presença.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Eu também queria agradecer a vocês pela compreensão, entendeu? Porque não é fácil não. (*Choro.*) Porque eu acredito em Deus Vivo, e ele vai me tirar dessa terrível dor... (*Choro.*)

Eu queria agradecer aos senhores por ter me compreendido, porque não é fácil a vida. Eu não desejo o que eu estou passando pra ninguém, porque é difícil, é difícil. (*Choro.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Está certo.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - A pessoa entrar numa dessas coisas, sem saber de nada. Meu sentimento, minha vida com meus clientes, como é que eu fico também? A minha vida, para dizer para os meus clientes que eu sou uma pessoa... É difícil. Acabou com a minha vida. (*Choro.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor há de provar os seus argumentos. E o que nós podemos lhe desejar é muito boa sorte daqui para frente.

O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Obrigado a vocês aí. Desculpe aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Nada. Fique a vontade. O senhor está passando bem, afora a emoção?



O SR. DENÍLSON COSTA PEREIRA REIS - Estou bem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Está bem? Está certo. Muito obrigado, seu DENÍLSON. (*Pausa prolongada.*)

Antes de a nossa depoente chegar, eu queria só registrar a presença aqui — até já se retiraram, mas foi no meio dos depoimentos... Mas queria fazer o registro de que compareceram aqui também a Juíza Dra. Nilza Reis e a também Magistrada Dra. Cynthia de Araújo Lima, que aqui, juntamente com o Dr. João Paulo Pirôpo estiveram acompanhando parte dos depoimentos desta audiência pública.

Eu queria agradecer aqui a presença da Sra. Elizânia Evangelista, que é esposa do Sr. DENÍLSON. Agradecer a sua presença aqui e dizer que nós aqui da CPI... Nós somos Deputados Federais e recebemos uma missão através dessa CPI, que não foi criada por conta do caso de vocês. Ela já existia desde maio do ano passado para investigar supostos crimes relativos a tráfico de pessoas. E em função dos noticiários dos episódios ocorridos na Operação Planeta, nós recebemos a missão de ouvi-los hoje aqui.

Portanto, aqui nós não estamos julgando, nós não estamos condenando, nós não somos autores de denúncias. Nosso papel aqui é apenas ajudar no esclarecimento dos fatos e dar uma oportunidade à senhora e ao seu companheiro, o Denílson, de fazerem a sua defesa sobre a acusação que vocês respondem hoje, não é? Vocês não estão ainda na condição de condenados, nem soa réus, vocês estão respondendo um processo de investigação. E é a oportunidade que nós estamos dando de a senhora poder ajudar nos esclarecimentos e fazer a sua defesa. A nossa presunção pra qualquer pessoa é a presunção da inocência até que se prove o contrário.

Eu queria só, por uma questão regimental, que a senhora pudesse reproduzir no microfone os termos da declaração.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Faço, sob palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Está certo. Muito obrigado.

D. Elizânia, nós estamos aqui, como eu lhe disse, para ouvi-la sobre os fatos que a senhora sabe, do que se reporta a acusação que é remetida à senhora e a seu companheiro Denílson. E eu vou lhe facultar a palavra para que a senhora



possa se reportar à sua versão do que houve. Qual é a sua avaliação? Por que a senhora acha? O que aconteceu? Como é que a senhora foi envolvida ou se envolveu nisso? Enfim, qual é a sua avaliação? Qual é a sua leitura? Por que a senhora considera que está aqui nessa condição? E o que é que a senhora poderia nos informar?

Quero dizer para a senhora o que o seu advogado já deve ter lhe dito. A senhora não é obrigada a dizer nada que a senhora não queira, mesmo depois com as perguntas. A senhora fique à vontade. A senhora pode silenciar e, depois, digamos, permitir que cada um tire as suas conclusões, ou dizer o que a senhora acha que deva dizer. Está certo? Nós não estamos aqui fazendo nenhum julgamento da senhora. Nosso objetivo, repito, é a verdade dos fatos, simplesmente, puramente isso. Está certo?

Então, eu lhe passo a palavra e gostaria que a senhora pudesse falar no microfone porque isso está sendo registrado. E queria dizer também que, por nossa solicitação, a senhora não precisa, não esteve aqui constrangida na condição de algemada ou coisa parecida. Eu queria só fazer esse registro para evitar maiores constrangimentos.

Então, eu faculto à senhora a palavra por 20 minutos. Se a senhora precisar de mais, nós lhe daremos também todo o tempo para que a senhora possa apresentar a sua defesa.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Tudo se iniciou através de uma ligação. Porque a Renata, ela é prima segunda ou terceira de meu marido, estava vindo ao Brasil para fazer um passeio na Bahia. Daí que deu problema no passaporte dela — parece que estava vencido ou ia vencer, não sei qual foi —, e ela pediu que o marido dela viesse primeiro. Então, o que foi que houve? Ele veio primeiro do que ela. De imediato, ela pegou e ligou pro meu marido e perguntou se ele estava trabalhando. Ele trabalha de carro de som.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ela ligou lá da Espanha.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Sim. Quem atendeu a ligação foi eu. E eu falei pra ela: “*Olha, nesse momento, ele está trabalhando, porque ele faz propaganda.*” Aí ela disse: “*Ah, fala pra ele que eu tenho urgência em falar com ele.*” Depois, ela conseguiu se comunicar com ele. Ela fala



em português, fala em espanhol também. E ela se comunicou com ele, fazendo uma proposta pra ele. Certo? Então, foi feita a proposta pra ele. Eu não sei como foi que eles combinaram, só sei que a proposta foi feita pra que ele fosse motorista do gringo. Por enquanto, ela não chegava na Bahia, assim mesmo, depois que ela chegasse, pra dar continuidade. Ele ficou sendo motorista dele pra apresentar a cidade toda. Então, foi daí que foram..., só depois que a gente ficou sabendo que ele tinha essas boates lá na Espanha. Como ele... A minha parte entra na história, no dia que ele chegou. Eu pedi a ela para que me enviasse uma foto para que eu reconhecesse quem era a pessoa. Era o primeiro contato que a gente estava tendo com ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E quando foi isso, a senhora lembra o período em que ele chegou aqui?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Olha, eu acredito que tenha sido no final de agosto, no início de setembro. Foi por aí assim. Não lembro muito bem a data neste momento, me desculpem. Então, esse foi o primeiro contato. Aí eu fui junto com o meu esposo encontrar com ele lá no aeroporto. Chegando lá, a gente levou ele para o hotel em que ele ia ficar, e assim levamos ele para jantar, e, em seguida, voltamos com ele, que ele disse que estava cansado, queria dormir. Tá, ele foi dormir, a gente foi pra casa. Aí, meu marido perguntou para ele: *“E aí, como é que vai ser, a gente... que horas eu te pego aqui amanhã?”* Aí ele marcou um horário com ele, eu não vi, nessa hora, eu não estava no quarto, eu não vi, estava do lado de fora, eu tinha saído, que eu tinha ido fumar. Tá, eu não sei, o meu marido ficou andando com eles uns dias. Só que aí ele fala só... Ele não entende nada em português, só algumas coisas que ele começou a entender depois que ele chegou aqui na Bahia, poucas palavras. E aí, eu, como sempre estava conversando com Renata, eu pedia pra ela me dizer como é que escrevia, como é que se falava. E aí, ela me falava, e eu peguei um pouquinho de espanhol, só um pouquinho. Aí, no dia em que ele me chamou pra gente..., ele pediu pra Denílson me chamar pra gente sair para ir jantar com eles, coisa e tal. Eu saí. Aí ele começou a conversar algumas coisas, que eu entendia, respondia, perguntava. Aí, ele disse: *(ininteligível) eu gostei de você, tem como você ficar andando com a gente? Pelo menos você fala um pouco espanhol.* Daí entra o meu envolvimento. Eu comecei a



andar com o meu marido e ele. Daí, a gente conheceu as meninas, e aí, ele pegou e falou dessa proposta. As meninas também não falavam, e eu peguei e falei pra ele. *“Olha, ele está falando assim e assado.”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Que proposta?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Ele fez essa proposta de ela trabalhar lá. Então, eu falei: *“Ele está te fazendo uma proposta pra você trabalhar lá. Você vai, você quer, vai. Então, é para trabalhar na boate. Você vai?”* “*Vou*”. Elas foram de consciência limpa, são todas adultas, sabem o que querem da vida. Então, ele nem, ao tempo, induziu ninguém, e nem mentiu pra ninguém. Elas foram de livre e espontânea vontade. Assim aconteceu. Foram duas. E o que foi que aconteceu? Uma delas voltou e a outra arrumou um gringo e ficou por lá. Então, com a repercussão da novela, a mãe ficou preocupada achando que tudo o que se passava na novela era o que estava acontecendo com a filha dela, que ela estava mantida lá em cárcere privado. Então, houve a denúncia. Mas a própria menina que ficou lá, na Espanha, deu o depoimento dela, eu não sei como foi que houve, mas eu só sei que ela não permaneceu por lá, porque o passaporte dela já estava passado da validade, ou seja, ela estava ilegal no país, e aí ela teve que ser deportada. Mas em nenhum momento a gente traficou ninguém, não. O meu marido entra nessa história porque ele foi trabalhar como motorista. E eu entro nessa história porque eu entrei como acompanhante. Em nenhum momento a gente fez nada que induziu ninguém a nada, mentiu. Eu não menti, ninguém mentiu. Se disser *“mentiu”*, elas realmente estão querendo prejudicar a gente. Eu não sei o porquê, se alguém está pagando pra elas fazerem isso, mas elas estão mentindo, e eu não sei qual o objetivo. Eu não sei. Eu só sei que eu estou presa no lugar de alguém que deveria estar lá, em meu lugar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A senhora acha que há hipótese de... Essas meninas de que a senhora fala são as meninas que foram para lá e agora foram libertadas lá, naquele episódio lá da Espanha? É isso?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - De que meninas que a senhora fala?



A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Elas não foram libertadas porque elas não estavam sendo prisioneiras.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Elas estavam lá de livre e espontânea vontade, e tinham acesso a telefone, tinham como se comunicar com os familiares.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim, mas a senhora disse o seguinte: *“É possível...”*, a senhora diz assim: *“É possível que essas meninas possam estar sendo induzidas ou pagas por alguém para dizerem o que estão dizendo”*?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Eu passo a palavra para o meu advogado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não, ele não pode falar. Olhe, deixe eu lhe dizer, D. Elizânia, fale o que... A senhora tem compromisso com a verdade, a senhora já disse aqui que nunca mentiu, que nunca inventou, que nunca criou nada. Então, nisso nós estamos juntos, porque nós estamos aqui a favor da verdade. Eu não lhe conheço, nenhum de nós lhe conhecia.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Hã.

(Não identificado) - Eu prefiro que ela não fale mais porque ela está confusa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas... Tudo bem.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Não, eu posso falar, eu posso falar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ela tem o direito de...

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Eu vou falar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Veja bem, a senhora tem o direito de não falar, que falar...

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Primeiro...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Nós estamos aqui. O nosso juramento, o nosso compromisso, como o seu também, é a verdade, nada mais do que isso. Se alguém está fora, que deveria estar no seu lugar, nós estamos nessa.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Tá.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Nós não estamos aqui com o compromisso...Nós não somos porta-voz de ninguém, eu não sei quem é Cigano, nem quem é Renata, nem quem é fulano, nem beltrano. Nós estamos aqui em função da verdade. Então, fale o que a senhora, o que o seu coração achar que deve falar. O que a senhora não achar...

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - O senhor pode reformular a pergunta, por favor?

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

(Não identificado) - Ela está confusa. Isso não existe. Não fale mais nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Está bom, doutor, mas o senhor não pode fazer o que está fazendo, doutor.

(Não identificado) - Posso sim, pedir para ela não falar. Posso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não. O senhor pode orientá-la do jeito que o senhor quiser.

(Não identificado) - Não, eu posso orientar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas há aqui um conflito entre vocês. Ela está...

(Não identificado) - Não, não há conflito nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quem está depondo aqui é a senhora. Se a senhora... Se ela está dizendo que quer falar e o senhor está insistindo...

(Não identificado) - Não existe conflito não, não existe conflito nenhum. Eu sou advogado dela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Claro.

(Não identificado) - Não tem que induzir ela aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Claro, mas o senhor não pode é responder por ela.

(Não identificado) - Ela está confusa, isso não existe, essa história aí. Ela está confusa. Ah, não, não fale mais nada, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Está bom. A senhora quer encerrar o seu depoimento?

(Não identificado) - Quer.



A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Tá. Então, nós vamos fazer as perguntas aqui, e a senhora declare o seu silêncio, porque nós vamos cumprir com o nosso papel. Se a senhora não quiser cumprir com o seu, de falar, é um direito seu. Nós vamos fazer as perguntas, e a senhora, se não quiser falar não fale. Só diga *“Eu não vou falar”*. E a gente vai continuar perguntando, e a senhora vai dizer que não quer falar. Pronto.

Então, a senhora disse que... Eu queria só saber o seguinte: a senhora disse aqui, está gravado, que essas meninas foram para trabalhar na boate de São Consciência, que ninguém iludiu. Verdade?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Só pra gente registrar.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Verdade. Ou seja, quando elas foram chamadas ou convidadas para ir trabalhar na Espanha, elas sabiam que iam trabalhar na boate, elas não foram induzidas, nem iludidas, nem coisa alguma.

(Não identificado) - Ela só responde em juízo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - É verdade?

(Não identificado) - Ela só responde em juízo. A resposta é essa.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Só respondo em juízo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Está bom. Então, eu vou passar a palavra aqui ao Deputado Luiz Couto, depois ao Deputado José Augusto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - D. Elizânia, a senhora mora no bairro de Cajazeiras, não é?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Cajazeiras.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Há quanto tempo a senhora está casada com o seu Denílson?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Três anos, um mês e dias.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A senhora tem um filho com o mesmo?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Uma filha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Uma filha.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - E ele tem um filho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, tem um filho. Então, cada um tem, que ele teve um casamento antes.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Que ambos respeitam.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está bom. É só para saber, quer dizer, porque talvez...É pra entender isso aqui.

A senhora falou que essa situação ocorreu mais ou menos no início de agosto ou começo de setembro, a senhora não sabe ainda, com certeza, a vinda daquele senhor conhecido por Cigano, Gitano, não é? E ele teria telefonado, a Renata teria telefonado para que o seu esposo fosse buscá-lo no aeroporto?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Isso, né? Tá bom? A senhora disse *“Eu sou inocente, tem gente que deveria estar aqui no meu lugar ou na prisão.”*

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Eu não usei o termo *“inocente”*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, você disse...

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Eu disse: *“Eu estou na cadeia no lugar de pessoas que deveriam estar no meu lugar.”*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, isso. Mas quem é que estaria, deveria estar no seu lugar?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Só respondo em juízo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está bom. A senhora não pode... É para a defesa da senhora, então, até a senhora diz que está injustamente na cadeia porque a senhora disse *tem... quem deveria estar no meu lugar deveria ser outras pessoas.*

A senhora sempre trabalhou?



A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Em que a senhora trabalhou?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Trabalhei como professora, trabalhei como garçõnete, trabalhei como faxineira, como doméstica, como diarista...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - ...fazendo cabelo. Eu já fiz um bocado de coisa nessa vida.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Muito bem. A senhora, sempre, no carro de som, a senhora acompanhava o seu marido também?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Trabalhei de carro de som junto com ele, porque ele também tem problema de pressão e, às vezes, ele passava mal e eu ia trabalhar no lugar dele, ou então junto com ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - De pressão. Certo. Também no dia da churrascaria, a senhora também estava lá?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E lá a senhora também teve conhecimento de que algumas que estavam lá desistiram de ir pra...

(Intervenção fora do microfone.)

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O seu marido já falou. Mas o Signaldo estava lá, senão ela vai complicar o marido dela. Ou seja, a senhora, as pessoas que estavam lá, a senhora conhecia?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Só respondo em juízo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só. A senhora conhece um outro, um senhor, que trabalha também com carro de som, de nome Fábio?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não. No depoimento que a senhora prestou à Polícia Federal também estava presente o seu advogado?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Sim, era outro advogado, mas estava presente sim.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Era outro advogado. A senhora já ouviu falar, ou se a senhora conhece, conhecia já Renata Gomes Nunes?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Só em juízo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Hein?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Só em juízo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não conhece?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Só falo em juízo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só em juízo. Mas a senhora viu o Gitano, não viu? Conhece o Gitano?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Quem?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Gitano, o Angel?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Eu vi ele. Conhecer, conhecer, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, mas você conheceu porque viu a figura.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Sim. Vi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Claro. Pronto. Então, se a senhora viu o Gitano, também a senhora viu a Renata, que também estava lá na churrascaria.

A senhora, juntamente com o seu esposo, que a senhora não quer falar, a senhora é acusada de agenciar, conjuntamente com o seu o esposo, mulheres jovens de outro bairro da periferia de Salvador, Paripe, prometendo a elas trabalho como dançarina em casas de *shows* na Espanha. A senhora confirma ou nega essa informação?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Só falo em juízo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. A senhora também, como o seu esposo, é acusada de participar de um esquema de tráfico de pessoas para exploração sexual entre Brasil e Espanha. A senhora confirma ou nega?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Só falo em juízo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. A senhora conhece a Sra. Sueli? Conhece uma mulher chamada Sueli?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Só em juízo.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Além de Salvador, a senhora já... A senhora nasceu em Salvador ou nasceu em que local aqui da Bahia?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Itiúba, Bahia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Itiúba?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Itiúba.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Itiúba. A senhora, além da... já esteve em outros locais aqui do Brasil? Viajou para outros lugares, já esteve em outros Estados?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Só respondo em juízo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só respondo em juízo. Eu agora, já que a D. Elizânia, através de orientação do seu advogado, não quer falar, mas eu vou agora aproveitar o tempo, Sr. Presidente, para dizer: no dia 1º de fevereiro deste ano, a operação conjunta das polícias do Brasil e da Espanha, elas desarticularam a quadrilha internacional e libertaram brasileiras que eram mantidas como escravas sexuais naquele país. O que a D. Elizânia disse é que elas estavam lá livremente, que não havia prisão nenhuma.

A ação foi batizada de Operação Planeta. Começou com o pedido de socorro de uma mãe de uma dessas brasileiras. A mãe, uma baiana a quem eu quero parabenizar pela coragem que ela teve, foi a responsável pela denúncia. A desarticulação da quadrilha ocorreu simultaneamente em Salamanca e em Salvador.

Em território espanhol, agentes da Polícia Federal brasileira chegaram à Boate Vênus, onde brasileiras e estrangeiras estavam trancafiadas, ou seja, quem está trancafiado não está livre. A porta do prostíbulo era blindada e estava trancada. Os policiais levaram quase 15 minutos para conseguir arrombar o portão. Os agentes entram e encontram prostitutas de várias nacionalidades que vivem como prisioneiras. Também encontram maconha e cocaína.

Em Madri que, como no resto do país, o sexo pago é um negócio legalizado. No Brasil, a exploração da prostituição é crime; na Espanha, não.

O dono da Boate Vênus e chefe do grupo de mulheres se chama Angel Bermudez Motos. Ele é conhecido por Gitano, que é "cigano" em espanhol.



Já em Salvador, o casal Denílson Pereira Reis e Elizânia Evangelista foi preso e foi acusado de aliciar as brasileiras para trabalhar na Espanha. Segundo a Polícia Federal, o casal estava a serviço do espanhol Bermudez Motos, que seria casado com uma brasileira, Renata Gomes Nunes, que não foi presa, e que, segundo o seu esposo, essa Renata era a mesma que resolvia as questões com outro nome na Espanha, de nome Mônica.

De acordo com as investigações, antes de sair do País, algumas garotas passaram por um outro prostíbulo, localizado no subúrbio de Salvador, em Paripe. Era uma espécie de preparação de teste para as garotas.

No prostíbulo baiano foram encontrados chapéus e boias da Marinha brasileira. A polícia investiga a origem deste material ou se há servidores da Força ligados ao esquema. Pela informação que nós temos, essa Sueli é servidora civil licenciada da Marinha. Esse, então, é mais um fato para ser investigado, esses chapéus e boias da Marinha encontrados naquele prostíbulo.

Antes da viagem, as brasileiras receberam dinheiro vivo do espanhol para comprar roupas e ir a um salão de beleza. Também levavam muitas notas de euros para mostrar ao Serviço de Migração, quando desembarcassem no aeroporto espanhol, assim, fingiam que eram turistas com dinheiro para gastar. Quando elas começavam a trabalhar na Espanha, tudo isso era cobrado delas, juntamente com o valor da passagem do avião. Segundo a Polícia Federal, só que depois os bandidos diziam que a dívida tinha aumentado em 300%.

A quadrilha conseguiu levar quatro brasileiras de Salvador. Das quatro brasileiras aliciadas pela quadrilha em Salvador, uma conseguiu fugir e voltou para o Brasil. Duas estão desaparecidas, e o espanhol Bermudez Motos e a brasileira Renata Gomes Nunes estão foragidos. A Polícia Federal também intimou, no dia 05 de fevereiro, Sueli dos Santos Estrela, apontada como dona de um prostíbulo em Paripe, Salvador, onde as mulheres recebiam uma preparação antes de seguir para a Espanha. Sueli não compareceu.

Então era importante, Sr. Presidente, queria solicitar à Polícia Federal para que pudesse dar uma busca e prender a senhora, buscar para prestar depoimento a Sra. Sueli dos Santos Estrela, para explicar a questão desse prostíbulo lá, dessa preparação e das imagens que foram encontradas lá, de chapéus e outros



instrumentos que seriam da Marinha, para não se enlamear a atividade de uma Força da segurança em nosso País.

Então, era isso, Sr. Presidente. Nós tínhamos várias perguntas, e a D. Elizânia resolveu seguir a orientação do seu advogado, o que é um direito que ela tem. Eu gostaria de colocar essas informações porque elas são fundamentais para as investigações. Então, devolvo a palavra a V.Exa. agora, o microfone, para que V.Exa. possa dar continuidade aos trabalhos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Obrigado, Deputado Luiz Couto.

Eu passo a palavra agora ao Deputado José Augusto Maia para fazer as suas considerações.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Primeiro, nós ouvimos o Denílson, seu esposo, onde ele respondeu, contou toda a sua história, nos respondeu várias perguntas, e eu até, no final, eu disse aqui, inclusive ao Presidente, que a gente que está aqui até torce por vocês. Ninguém está aqui para prejudicar ninguém. Como eu disse para o seu marido, ele ficou emocionado aqui, e é claro, eu sei o que é você estar preso numa cadeia, chegar aqui algemado, o constrangimento para os seus filhos e etc, para a sociedade, para todo mundo. A gente sente isso, todos aqui somos pais, todos aqui, a gente sabe. Se um dia eu visse meu pai na cadeia, pelo amor de Deus, como eu ficaria, ou a minha mãe! Isso quem tem coração sente. Nós sentimos da mesma forma. Não pense aqui, nós estamos aqui numa CPI, que é a nossa função. Quem vai julgar, disse ao seu marido, eu estou dizendo agora, quem vai lhe julgar é a Justiça. A nossa... a CPI, esta Comissão de Inquérito, que ouviu o seu marido e estamos ouvindo muitas pessoas, já ouvimos hoje, e vamos ouvir amanhã, vamos ao Pará, vamos para o Acre, São Paulo, onde teve indício, onde esse processo andou, esta Comissão vai, que a Comissão é justamente para colher a verdade das coisas. Às vezes... e você tem todo o direito de dizer sim ou não, é um direito que lhe assiste, seu advogado está aqui para lhe orientar. O seu esposo aqui nos contou... e como a senhora iniciou, tudo que ele disse, a senhora disse, estava dizendo, depois foi pedir pelo advogado, que recebeu um telefonema lá de, de lá de...

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Da Espanha.



O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Da Espanha, de uma prima, que é esposa do moço, do gringo lá, que é o dono da boate. E daí então ele falou que foi contratado como motorista, falou aqui que trabalhava em campanhas políticas, tudo, ele contou sua vida todinha. Que foi, como a senhora disse, que foi procurado por eles, e foram, levou na boate, o restaurante que foram, citou o nome de três mocinhas aqui, que foram Márcia, Lidiane e Marcela, e que tinha uma moreninha, ele não soube dizer o nome. E a senhora também começou... Eu achei a senhora bem melhor do que ele, porque a senhora foi muito assim verdadeira no início da sua..., no que a senhora ia dizer. Porque às vezes a verdade nos ajuda. Nunca pense que a verdade vai lhe prejudicar, não. Eu, pelo menos... A Justiça vai lhe ouvir, ela vai pegar tudo isso aqui, como disse ao seu esposo, da Polícia Federal, do Ministério Público, da CPI, de tudo... No final, a Justiça vai fazer um apanhado de tudo. Eu até disse aqui que... e a senhora disse uma coisa: *“eu devo estar... eu estou no lugar que alguém deveria estar no meu lugar”*. Bonito, que se a senhora disse isso. Não pense... até me comoveu: *“Que eu estou no lugar de que alguém deveria estar”*. E eu também acho aqui que a senhora... Isso é uma novela bem grande, que está na televisão, que todo o Brasil está vendo, o mundo observa isso hoje, é o tráfico... não é só de moças, de meninas de boate, é também de crianças, o trabalho escravo, tem muita coisa nesse tráfico aí. E às vezes a gente é envolvida, as pessoas são envolvidas por vantagens que são oferecidas. Você está numa situação difícil, a gente sabe, o trabalhador brasileiro o quanto sofre, todo mundo, em qualquer canto, está em necessidade, e às vezes uma chance que é dada à pessoa, a gente entra naquilo, depois cai numa fria, como diz o ditado. Eu torço — digo a você aqui, disse ao seu esposo, e estou lhe dizendo —, nós, eu não, nós torcemos para que os verdadeiros culpados vão para a cadeia. Ninguém aqui está torcendo para que Fulano ou Sicrano vá. Não. Quem tiver sua culpa que vai pagar, chama-se justiça, não é verdade? Você já ouviu falar: justiça. Que seja feita justiça aqui com vocês. Eu vou fazer algumas perguntas, a senhora também responde se quiser, certo? Não quero aqui dizer com essa... essa resposta pode até lhe beneficiar. Eu estou aqui, fica a sua sã consciência, e está aqui seu advogado para dizer. Mas como a senhora foi muito verdadeira no início da sua... a minha



pergunta, assim, só uma, porque eu vou perguntar assim: Te chamam de Pretinha? Tem um apelidozinho de Pretinha aqui?

Não identificado (*Fora do microfone*) - Nada. Não uso mais nada, só (*ininteligível*). Já está julgando?

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Não. Não. Você se sente — oh a pergunta — se sente que foi usada por alguém? Você e seu esposo foram usados por pessoas?

(Não identificado) - Juízo, só em juízo.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Só respondo em juízo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Você, assim, não reconhece que... porque a senhora viu na televisão, tem coisas que a gente não quer dizer, mas o Brasil inteiro viu. Tudo que foi lido aqui agora, pelo nobre colega, é uma coisa que tudo aconteceu, a televisão viu, a Justiça, todo mundo viu, polícia, quem não é polícia, criança, menino, toda a imprensa brasileira focou aquela polícia chegando lá em Madri, quebrou a porta, que não sei o quê lá, era blindada, e por aí, toda... se perguntar a uma criança hoje no Brasil, qualquer um sabe dizer disso, porque é uma verdade que foi mostrada para o povo, não é nada que ninguém está inventando aqui. A senhora, eu acho que até lhe ajuda, a senhora considera-se ou, assim, acha, melhor dizendo assim, que envolveram vocês numa ação criminosa?

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Só respondo em juízo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ AUGUSTO MAIA - Bom, eu acho que eu termino aqui também, não adianta porque acho que o que eu iria perguntar, já foi perguntado. Eu já vi que a senhora também não vai responder, por orientação do seu advogado, e tem todo o direito. Nada aqui que... Eu só quero lhe agradecer, dizer que estamos aqui na nossa função. Digo a você, torço para que vocês, na Justiça, provem a inocência de vocês. Torço. Jamais eu estou aqui para torcer que a senhora ou aquele... Eu acredito que a Justiça, no final, vai condenar quem participou. A Justiça, quem sabe... Eu acho, a Justiça, a gente, a Justiça é o ponto final, é o veredito final. Aqui a gente pode perceber, achar, pensar, torcer, alguma coisa. Mas quero lhe agradecer por ter vindo, estar aqui. E que, como disse ao seu



esposo, vou lhe dizer, que Deus lhe proteja, e que a sua... proteja a todos nós, mas também lhe proteja, não pense que... Deus veio para o mundo, Jesus veio para aqueles que estão... para todos, e principalmente aqueles que estão em dificuldade. Não pense, não. Peça onde você está. Sei que você está orando e pedindo por Deus. Bom, quero só agradecer a você por ter vindo aqui. Poderia... É o que eu acho: você poderia ter respondido coisas para a gente que a beneficiaria. É o que eu penso. Como estou dizendo, não devemos aqui procurar condenar ninguém; apenas ouvir a verdade, para colocar nos nossos relatórios, para que a gente possa dar uma contribuição ao País, para que coisas dessa natureza, crimes dessa natureza não aconteçam mais, porque a gente sabe do sofrimento das pessoas quando caem nessas ciladas. Bom, é só, Presidente, meu caro Presidente. Eu encerro aqui. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Obrigado, Deputado José Augusto.

Nós não temos... Nem o Deputado Luiz Couto, nem o Deputado José Augusto. Teríamos algumas outras perguntas, mas a senhora está orientada pelo seu defensor a não responder mais nada.

(Não identificado) - Ela está confusa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ela está confusa, segundo o seu advogado. Ele mesmo está dizendo que a senhora está confusa. Eu lamento. Eu Pergunto para a senhora se, de livre e espontânea vontade, tem alguma coisa a dizer ainda para nós em sua defesa, para esclarecer os fatos que a senhora possa... que a senhora repute importante para elucidar, já que a senhora chegou aqui jurando a verdade, dizendo que não tinha nada a temer, que iria procurar... Eu pergunto se a senhora tem mais alguma coisa a nos dizer. Nós não temos mais nenhuma pergunta, porque está sendo inócuo, está sendo infértil esse diálogo de surdos. O seu silêncio já está ruidoso demais para esta CPI, por orientação... Veja bem, não tome nada como pessoal. A senhora está seguindo a orientação do seu defensor. É um direito seu, mas o seu silêncio já está ruidoso demais para nós. Nós não temos nenhuma pergunta. Teríamos aqui para que a senhora pudesse fazer a defesa dos justos, dizer que está aqui, que tem gente lá fora que deveria estar aqui, como a senhora iniciou dizendo, dizendo a verdade dos fatos, que a senhora é uma



trabalhadora, como disse o seu marido, que é um pai de família, que nunca esteve envolvido com a Polícia, que vive do seu trabalho, que simplesmente aceitou o pedido de uma parente distante para ajudar um camarada e agora está vivendo... Isso é o que nós esperávamos que a senhora dissesse aqui, e lamentavelmente a senhora não disse nada. E aqui deixa dúvida para cada um de nós de que quem cala consente. É a dúvida que a senhora permite que cada um tenha. Não é que a senhora esteja dizendo que cada um pode prejudicar, mas a senhora está dando o direito, pelo seu silêncio... E este é um ditado que todos nós conhecemos: "*Quem cala consente*". Às vezes, é verdadeiro; às vezes, não é. Mas a senhora aqui, ao invés de fazer o que a senhora vinha fazendo, iniciando aqui, fazendo a sua defesa, dizendo que estava sendo injustiçada, que a senhora aqui está padecendo de uma acusação que não é pertinente, que a senhora foi envolvida porque é companheira de um cidadão que foi chamado para prestar um serviço a um gringo, sem saber das práticas criminosas que essa quadrilha estava fazendo, envolvendo pessoas. A senhora simplesmente resolveu silenciar, repito, por orientação do seu defensor. É um direito que a senhora tem. Então, eu queria simplesmente lamentar de um lado e torcer que a senhora possa fazer isso em juízo, convencer... E nós vamos ter que encerrar este seu depoimento sem a senhora ter dito coisa alguma em favor da sua defesa. É uma oportunidade que a senhora está tendo para fazer a sua defesa, e infelizmente a senhora abdicou de fazer sua defesa, o que é um direito seu. E, portanto, eu torço para que a senhora tenha sido bem-sucedida nessa estratégia. Eu pergunto se a senhora tem mais alguma coisa a nos dizer que queria nos esclarecer, que é um direito seu, como eu disse. Se a senhora tiver, pode fazer agora.

(Não identificado) - Só em juízo.

A SRA. ELIZÂNIA DOS SANTOS EVANGELISTA REIS - Sem mais esclarecimentos.

(Não identificado) - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Está certo. Então, para finalizar, eu queria agradecer a sua presença, dizer que finalmente a senhora chegou aqui prometendo a verdade e silenciou na primeira pergunta. Quero dizer também que nós iríamos no início — eu tinha conversado com o juiz, tinha conversado com as pessoas — fazer o seu depoimento e o do seu esposo fechado,



sigiloso. Essa era a nossa intenção, Deputado Luiz Couto e Deputado José Augusto, e o seu advogado, antes de nós chegarmos aqui, já tinha declarado para a imprensa que fazia questão de que o depoimento fosse aberto. Isso nos entusiasmou.

(Não identificado) - O...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O senhor, por favor, não está com a palavra, senhor... por favor.

(Não identificado) - Eu respeito, mas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - É claro, eu estou te tratando com respeito. Estou lhe dizendo que o senhor aquiesceu que o depoimento fosse aberto.

(Não identificado) - Mas não venha querer me colocar contra a minha cliente, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Eu não estou querendo isso.

(Não identificado) - Não faça isso!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Eu não estou querendo colocá-lo... Estou falando a verdade: pouco foi feito aqui. Estou falando a verdade. O senhor se antecipou dizendo...